

Alexandra Nakano de Almeida

Os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de Sigmund
Freud e a Psicologia da Criança no final do século XIX

HISTÓRIA DA CIÊNCIA

PUC - SP

São Paulo

2006

Alexandra Nakano de Almeida

Os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de Sigmund
Freud e a Psicologia da Criança no final do século XIX

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História da Ciência sob orientação da Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

Banca Examinadora

Agradecimentos

À Professora Dra. Ana Maria Haddad Baptista, pela orientação e atenção recebidas desde os primeiros momentos do meu ingresso no curso.

Ao Professor Dr. Paulo José Carvalho da Silva, pela orientação e preciosas contribuições ao trabalho.

A todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da PUC-SP, especialmente à Professora Dra Lilian Al-Chueyr Pereira Martins.

Aos colegas do curso, pelas impressões e questionamentos compartilhados.

Ao Professor Dr. Flavio Del Matto Faria membro das Bancas de Qualificação e Examinadora.

Ao Professor Dr. Sidnei José Casetto da Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

À amiga de longa data Andréa Masagão, pela escuta generosa.

Aos meus pais, Katsuko Nakano e Renato Rua de Almeida, pelo apoio e incentivo que sempre me deram para o trabalho acadêmico.

À minha filha Mariana de Almeida Jacinto, pela alegria da sua presença.

E ao meu marido Ayao Okamoto, *companheiro de viagem*.

Resumo

Nesta pesquisa, estudamos a concepção de *infantil* para Sigmund Freud no final do século XIX e início do século XX através do exame da obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) em que o autor apresenta uma teoria sobre a sexualidade infantil. Para isto, investigamos alguns aspectos da formação e do percurso de Freud, bem como da criação da Psicanálise a fim de identificar os pressupostos do autor para a elaboração desta teoria que se formaliza em 1905. A teoria da sexualidade infantil foi elaborada por Sigmund Freud principalmente a partir de problemas e hipóteses advindos de sua atividade clínica, ou seja, a partir da tentativa de elucidação e tratamento do fenômeno da histeria. Deste modo, a idéia de infantil freudiana foi concebida através da “observação” do adulto e não da criança.

No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, período em que Sigmund Freud elabora a teoria da sexualidade infantil, verifica-se que há uma valorização crescente da criança e da infância como objeto de estudo da Psicologia. Assim, de uma forma geral, também nesta pesquisa procuramos examinar e caracterizar as principais preocupações destes estudos psicológicos da criança, a fim de contextualizar a formulação da teoria freudiana e verificar as possíveis relações existentes entre a emergência destes saberes que têm a criança como objeto de investigação e a teoria freudiana sobre a sexualidade infantil.

Abstract

In this research, we try to understand the *infantile* concept for Sigmund Freud, at the end of the XIXth century and beginning of the XXth, by studying *Three essays on the theory of sexuality* (1905) in which the author presents his theory of the infantile sexuality. For this reason, we have investigated Freud's background and course, as well as the creation of psychoanalysis, in order to identify the author's conjectures to elaborate this theory, formalized in 1905. The theory of infantile sexuality, by Sigmund Freud took shape, starting mainly from problems and hypotheses occurred during his clinical activities, or otherwise, beginning from his attempts to elucidate and treat the hysteria phenomenon. Thus, the freudian idea of infantile was conceived by "observing" the adult and not the child.

At the end of the XIXth century and beginning of the XXth, period during which Sigmund Freud developed the theory of infantile sexuality we may see that there is an increasing valorization of children and childhood as subject for psychological studies. Thus, in this research, we generally look forward to define the main concerns of these children's psychological studies, in order to contextualize the freudian theory formulation and check the possible relationship, between the emergency of this knowledge, which considers the child as an investigation object, and the freudian theory on infantile sexuality.

Sumário

Introdução.....	01
Capítulo I	
A criança como objeto da ciência: os estudos psicológicos do final do século XIX.....	05
Capítulo II	
A criação da Psicanálise e a emergência do infantil na teoria freudiana.....	29
Capítulo III	
Os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”	51
3.1. O Primeiro Ensaio.....	54
3.2. O Segundo Ensaio.....	64
3.3. O Terceiro Ensaio.....	74
Considerações finais.....	81
Bibliografia.....	84

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ São Paulo, de _____ de 2006.

Introdução

Este trabalho partiu do interesse em compreender como se estabeleceu, a partir do século XIX, a valorização crescente da criança e da infância enquanto objeto de conhecimento e de intervenção.

Sabe-se que a criança e a infância tornam-se um “objeto de investimento” das sociedades ocidentais do século XIX. As atenções das famílias voltam-se definitivamente para a criança, obras literárias têm freqüentemente a infância como tema e diversos saberes investigam a criança e intervêm na infância.

Dentre os saberes que têm como objetivo a pesquisa da especificidade do período primeiro da vida do indivíduo, estão os estudos voltados para o desenvolvimento psicológico da criança.

Também neste período verifica-se a emergência da Psicanálise, disciplina criada pelo neurologista vienense Sigmund Freud (1856-1939). No final do século XIX, Freud tinha como preocupação principal a elucidação do fenômeno e tratamento da histeria, de modo que a criança não era objeto de suas investigações. Entretanto, a partir da prática clínica e da investigação do indivíduo adulto, o autor acabará por conceber uma idéia de *infantil*.

Neste trabalho, procuramos analisar a concepção de *infantil* proposta por Sigmund Freud que se apresenta no final do século XIX e início do século XX; período este, justamente no qual vemos a criança figurar como objeto da ciência.

Deste modo, analisamos a obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), de Sigmund Freud, procurando identificar a concepção de *infantil* subjacente à teoria da sexualidade freudiana.

Antecedendo o exame da obra freudiana, abordamos no primeiro capítulo deste trabalho, alguns aspectos do conhecimento que se produzia sobre a criança no período em questão, apontando os principais pressupostos e objetivos destes estudos. Apresentamos sucintamente os problemas de dois autores, Wilhelm Preyer (1841-1897) e Bernard Pérez (1836-1903), os quais são apontados pela bibliografia secundária como representantes da psicologia da criança do final do século XIX. Verificamos que os estudos psicológicos da criança destes autores, mesmo considerando as especificidades das suas obras, têm como preocupação comum a investigação do desenvolvimento da criança. Desenvolvimento este, entendido como os processos evolutivos das funções orgânicas que constituirão as faculdades humanas superiores.

No segundo capítulo nos ocupamos da descrição do percurso de Sigmund Freud, destacando os principais aspectos envolvidos na invenção da Psicanálise e as elaborações teóricas do autor que antecedem os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, obra na qual o autor sistematizará a teoria da sexualidade infantil.

A obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, é composta por três textos, nomeados como “As aberrações sexuais”, “A sexualidade Infantil” e, “As transformações da puberdade”, acrescidos de um resumo. A descrição e análise destes três textos compõem o terceiro capítulo e serão

examinados independentemente a fim de demonstrar o percurso da exposição das idéias traçado pelo autor nesta obra, embora a concepção de *infantil* freudiana deva ser compreendida no conjunto dos textos.

Publicada em 1905, a obra em questão foi modificada pelo autor nas suas várias reedições, o que trouxe uma dificuldade do seu exame tendo em vista o objetivo do seu estudo. Se o objetivo foi analisar o *infantil* para Freud que se configura nos *Três ensaios* no contexto da emergência dos saberes sobre a criança, ou seja, no final do século XIX, o foco incidiu necessariamente sobre as idéias e os termos que foram colocados pelo autor em 1905. Deste modo, uma das preocupações principais do estudo desta obra foi tentar discernir as idéias e os conceitos que de fato fizeram parte da primeira versão da obra. Para tanto, realizamos o estudo cotejando diferentes edições que indicam as introduções feitas pelo autor, posteriores a 1905.¹

Assim, entendemos que a relevância deste trabalho, à proporção de uma dissertação de mestrado, está na distinção que se propõe estabelecer entre aspectos da história da Psicologia e da Psicanálise. Procuramos demonstrar que a Psicanálise e a Psicologia da criança do final do século XIX têm objetos e objetivos distintos. A teoria da sexualidade infantil proposta por Freud nos *Três ensaios* em 1905, muitas vezes é assimilada como uma formulação teórica sobre a criança, de tal modo que pode dar a impressão que Freud teria se ocupado do estudo da sexualidade

¹ O estudo foi realizado através do cotejamento de quatro edições: a edição brasileira da Imago (2002); a quarta edição espanhola da Biblioteca Nueva (1981); a edição francesa da Gallimard (1978) e a edição argentina da Amorrortu (1995).

da criança, tal como outros autores ocuparam-se do estudo da inteligência e do desenvolvimento motor; como se todos estivessem motivados pelo “sentimento de infância” que predominava no período e imbuídos pelo mesmo projeto de se fazer uma ciência da criança.

E é neste sentido que o emprego do termo infantil na sua forma substantivada se faz adequada para referir-se à concepção freudiana já que não se trata de uma formulação sobre a criança, mas de uma idéia de *infantil*. Pudemos verificar que infantil para o autor é aquilo que é relativo à infância ou à criança, mas que se faz também um predicado do adulto.

Capítulo I

A criança como objeto da ciência: os estudos psicológicos do final do século XIX

Neste primeiro capítulo apresentaremos algumas características da concepção ocidental de infância do final do século XIX. Especificamente, abordaremos a infância e a criança como objeto do conhecimento da Psicologia no período em questão.

Sabe-se que a noção contemporânea de infância como fase específica do desenvolvimento do homem nem sempre existiu como tal. Para o historiador Phillippe Ariès, nas sociedades medievais não existia uma consciência das particularidades da infância, ou nos termos do autor, não havia um “sentimento de infância”. É na modernidade, na transição do século XVII para o XVIII que os sentimentos de infância surgirão, seja a partir do interior da família, seja através dos moralistas e educadores do período.²

Para Ariès o sentimento de infância teria inspirado os rumos da educação e do conhecimento sobre a criança nos séculos posteriores.

Sobre o século XIX, Michelle Perrot coloca que há uma valorização crescente da infância no contexto da vida privada da sociedade ocidental. Tal valorização estaria representada pela disciplina rigorosa imposta à criança, que deveria formar o adulto que se esperava; e,

² P. Ariès, *História social da criança e da família*, p. 56.

paradoxalmente, através da aproximação afetiva que se estabelecia entre pais e filhos.³

Para os historiadores citados parece haver uma relação estreita entre a valorização da infância e os saberes que têm a criança como objeto de suas investigações, como a Pedagogia e a Psicologia.

Verifica-se que de fato no final do século XIX a infância e a criança são uma preocupação da Psicologia, assim como para outras disciplinas.⁴

De modo geral, sobre a Psicologia do século XIX é necessário pontuar em primeiro lugar, que seria mais adequado se nos referíssemos a psicologias, tendo em vista a diversidade dos saberes que se voltam para a explicação do comportamento do homem. Entretanto, pode-se afirmar também, que tais saberes têm como característica comum a tentativa de se tornarem conhecimentos positivos através da aplicação dos preceitos metodológicos das ciências naturais. Sobre tais psicologias, Michel Foucault afirma que estão apoiadas em dois postulados filosóficos; a saber:

³ M. Perrot, “Figuras e papéis”. in P. Ariès & G. Duby (orgs.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, pp. 153-162.

⁴ Entre os autores de estudos psicológicos da criança no período em questão citamos: Alfred Binet (1857-1911) e Théodule Ribot (1839-1916), representantes da psicologia experimental francesa; o alemão Karl Gross (1881-1946), autor das obras *Die Spiele de Tieres* (1896) e *Die Spiele der Menchen* (1899), cuja preocupação é a compreensão do papel do jogo na adaptação e no desenvolvimento da aprendizagem; o inglês James Sully autor da obra *Studies of Childhood* (1895), cujas preocupações principais são os métodos educativos; o norte-americano Stanley Hall (1844-1924), cuja principal obra é *Adolescence* (1904); e o também norte-americano James Mark Baldwin (1861-1934), autor da obra *Mental Development in the Child and the Race* (1895), considerado um dos introdutores da disciplina de psicologia experimental nos Estados Unidos.

“(…) que a verdade do homem está exaurida em seu ser natural, e que o caminho de todo conhecimento científico deve passar pela determinação de relações quantitativas, pela construção de hipóteses e pela verificação experimental”.⁵

Michel Foucault afirma também que estas psicologias mantiveram uma relação de reciprocidade com a prática, seja como fundamentação científica como na Pedagogia, seja através dos problemas que a prática trazia. O autor apresenta também três modelos de ciência sobre os quais as diversas psicologias do final século XIX estariam baseadas: o modelo físico-químico, o modelo orgânico e o modelo evolucionista. Este último teria possibilitado à Psicologia que introduzisse a noção de que o fato psicológico só tem sentido se estiver em relação com um passado e com um futuro.

O autor não trata especificamente da criança como objeto das psicologias do fim do século XIX, mas faz referência à psicologia do desenvolvimento; e esta está colocada pelo autor “como uma reflexão sobre as interrupções do desenvolvimento”.⁶

Kern apresenta diversos estudos sobre a criança na virada do século XIX para o XX, destacando estudos psicológicos. Embora para o autor o interesse pela criança tenha derivado de “correntes intelectuais e em particular o Darwinismo”, salienta que há vários outros fatos sociais no período em relação à criança a serem considerados. Para o autor, trata-se

⁵ M. Foucault, “A psicologia de 1850 a 1950”. in M. B. da Motta (org.), *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*, p. 133.

⁶ *Ibid.*, pp. 133-134.

de um “movimento” que envolveu várias disciplinas e que estão refletidas em mudanças sociais, como por exemplo, no campo do direito, na instituição de sociedades de proteção à criança, na emergência da educação pública e mudanças nas constituições familiares.⁷

Dominique Ottavi ao apresentar e discutir aspectos das origens da Psicologia da criança coloca que esta surge a partir de um problema advindo da ciência, e não fruto de um interesse ou de uma valorização da criança. Estas primeiras teorias sobre a criança teriam se desenvolvido, num primeiro momento, independentemente da questão da aplicação do conhecimento às práticas educativas.⁸

Ottavi descreve como a criança se tornará objeto das ciências psicológicas a partir da lógica do raciocínio biológico do século XIX. A criança tornava-se objeto da ciência muito mais por ser um meio, um caminho para elucidação de fenômenos da evolução, do que um fim em si mesma. E neste sentido o autor faz a seguinte afirmação:

“Assim, a teoria da ‘recapitulação’, encarnada por autores muito diferentes como Ernest Haeckel, Herbert Spencer ou Hippolyte Taine, constituem o ponto de partida do estudo experimental da criança. Com obras chave cristalizam o interesse pela criança, como verdadeiros pólos de atração no seio da nebulosa constituída em torno do paradigma evolucionista”.⁹

⁷ S. R. Kern, *Freud and the emergence of child psychology: 1880-1910*, pp. 339-343.

⁸ D. Ottavi, *De Darwin à Piaget: pour une histoire de la psychologie de l'enfant*, pp. 5-17.

⁹ *Ibid.*, p. 17. (Tradução nossa).

Ottavi propõe que nos interroguemos inicialmente sobre um aspecto que considera central na Biologia do século XIX: a noção de desenvolvimento. A invenção da ciência da criança se apresentará, para o autor, como um prolongamento desta concepção, como uma ciência do desenvolvimento psicológico.

Para tanto, Ottavi fundamentado na obra *Du développement à l'évolution* de George Canguilhem, propõe que se faça a distinção entre duas concepções de desenvolvimento: a concepção de desenvolvimento preformacionista (e criacionista) e a concepção de desenvolvimento evolucionista.

Segundo o autor, desde o século XVII e com a descoberta dos ovários e posteriormente dos espermatozoides, uma questão estava colocada para a ciência: como se dá a passagem do ovo fecundado à forma adulta, ou ainda, como se explica a permanência de estruturas visíveis por filiação. As teorias da pré-formação do século XVII, mesmo que divergentes quanto à localização do germe (na fêmea ou no macho), tinham como princípio a idéia de que o organismo já estaria formado no ovo fecundado. Todas as partes do organismo já estariam presentes no germe, mas se manifestariam posteriormente.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento embrionário, e depois, o crescimento do indivíduo, nada mais seriam do que a manifestação do que já existe. Esta noção de desenvolvimento seria, portanto, uma manifestação do que já está dado.

Segundo o autor, opondo-se às teorias da pré-foação, uma outra concepção de desenvolvimento terá lugar a partir do século XVIII no domínio da embriologia: a epigênese, que implica a idéia de crescimento como uma formação sucessiva de organismos que previamente não existem no ovo fecundado. O germe se associaria a substâncias exteriores e se organizariam a partir de estruturas primárias inexistentes.

Se o desenvolvimento não é mais um modelo destinado a se repetir, e sim, uma organização que se forma pouco a pouco, temos necessariamente uma concepção de desenvolvimento que implica a noção de tempo.

François Jacob destaca a introdução do tempo na Biologia e as transformações que ocorreram neste campo do conhecimento a partir do século XVIII.¹⁰

Para Jacob, a partir do século XVII “a ciência da natureza torna-se uma decifração”.¹¹ O mecanicismo aplicado à ciência da vida torna o conhecimento dos seres vivos o reconhecimento do funcionamento de suas estruturas visíveis. A diversidade dos seres vivos e as condições de observação das estruturas visíveis no final do século XVII caracterizarão o conhecimento como comparações dos seres vivos e terá como um de seus objetivos a classificação.

As preocupações dos naturalistas do período terão, segundo o autor, como consequência o conceito de espécie: “O conceito de espécie

¹⁰ F. Jacob, *A lógica da vida*, pp. 137-183.

¹¹ *Ibid.*, p. 35.

nasce assim, no final do século XVII, da necessidade sentida pelos naturalistas de fundar suas classificações na realidade da natureza”.¹² A espécie seria, portanto, uma unidade básica natural das classificações.

Jacob coloca que “com o conceito de espécie a geração torna-se uma expressão da regularidade da natureza”.¹³ Desta forma, a pré-formação dos germes envolvidos na fecundação seria o único modo de explicar as formas visíveis por filiação.

A idéia de preexistência e pré-formação implicava um ser vivo que já está realizado no seu germe. É neste sentido que o autor afirmará que até o século XVIII os seres vivos não tinham história. E é durante o século XVIII, com conceito de reprodução, entre outros aspectos, que surge a possibilidade dos seres vivos terem um passado e um futuro. Há uma necessidade de elucidar fenômenos advindos da reprodução que o modelo da pré-formação deixava de contemplar.

O ser vivo, passa a ser entendido, nos termos do autor, como uma organização, em que estão articulados estruturas, funções e meio. Se o ser vivo é entendido como objeto de transformações, ele está necessariamente inserido numa dimensão temporal.

Jacob descreve o papel do tempo na gênese dos seres vivos na passagem do século XVIII para o XIX. No século XIX a ação do tempo incidirá não só sobre um ser vivo isoladamente; a noção de tempo que se introduz diz respeito ao conjunto dos seres vivos, os quais sendo passíveis

¹² *Ibid.*, p. 58.

¹³ *Ibid.*, p. 59.

de transformações, podem ser ligados através das gerações. Há, portanto, a possibilidade de se fazer uma história do mundo vivo.¹⁴

Neste sentido, Jacob coloca que a partir do século XIX, com as teorias da evolução, há uma mudança radical do pensamento em relação ao mundo vivo.

Segundo o autor, a teoria de Lamarck (1744-1829), considerando os textos do segundo período de sua obra, ao propor que nos grandes grupos de seres vivos ao longo do tempo e em função do meio em que se encontram, haveria um aumento da complexidade orgânica dos seres vivos, atribui ao tempo um papel de operador de transformações de um processo de sentido único e progressivo.¹⁵

As teorias da evolução de Charles Darwin (1809-1882) e Alfred Russell Wallace (1823-1913), para Jacob se distinguiriam radicalmente do pensamento do período anterior, pois estas implicavam a noção de contingência. O tempo, segundo o autor não atuaria em função da utilidade; as variações podem ser “acidentais”. A seleção natural, processo a que estão submetidos os seres vivos, implica a noção de contingência, isto é, a variação poderá ocorrer como uma melhoria ou não.

Nesta perspectiva, o tempo não atua mais como uma sucessão linear através do qual vemos realizar-se uma “intenção” de antemão

¹⁴ *Ibid.*, p. 149.

¹⁵ Faz-se necessário observar, como coloca Martins, que embora Lamarck proponha que as transformações dos animais ao longo do tempo ocorram como um aumento da complexidade de seus órgãos, isto não significa que para Lamarck esta escala de perfeição crescente seja linear. De acordo com a autora, para Lamarck esta escala “apresenta ramificações devido à ação das circunstâncias, produzindo grupos menores como, por exemplo, algumas raças de moluscos gastrópodes (caracóis) que apresentam antenas”. L.A.-C.P. Martins, *Lamarck, evolução orgânica e a adaptação dos seres vivos: algumas possíveis relações*, pp. 299-306.

existente. Será necessário observar o que ocorrerá com o novo ser vivo e analisar as variações que se apresentam a partir da reprodução. O autor afirmará que a reprodução dos seres terá uma grande importância na Biologia em meados do século XIX:

“Ela torna-se o principal operador do mundo vivo, fonte ao mesmo tempo da permanência e da variação, processo pelo qual se mantêm e se diversificam as estruturas, as qualidades, os atributos dos seres. Ela é o ponto de confluência do determinismo que rege a formação do semelhante e da contingência que preside ao aparecimento das novidades”.¹⁶

Assim, segundo o autor, a Biologia terá mudanças na sua prática, ela deixará de ser um conhecimento restrito à observação e se voltará para a experimentação.

E é neste contexto que a Psicologia da criança emerge; como uma ciência do desenvolvimento em meio ao debate colocado no campo da Biologia do século XIX.

Segundo Ottavi o princípio da recapitulação representada principalmente pela teoria evolucionista de Ernest Haeckel (1834-1919), seria um importante pressuposto para que a criança viesse a se tornar um objeto de estudo da Psicologia. A teoria de Haeckel ao considerar que a ontogenia, ou desenvolvimento do indivíduo “recapitula” as etapas do processo de desenvolvimento biológico da espécie como um todo e que a

¹⁶ F. Jacob, *op.cit.*, p. 182.

alma humana é parte deste desenvolvimento biológico, teria permitido que a criança se tornasse para a ciência um testemunho do desenvolvimento psicológico humano, pois trazia a possibilidade de reconstituir através da sua observação a psicogênese da espécie.¹⁷

Neste sentido, poderíamos afirmar que a concepção de criança está vinculada à idéia de memória, ela traz consigo a história da espécie, uma vez que ela é um ser em desenvolvimento.

Ottavi coloca que tal concepção sofrerá uma inflexão à medida que o processo de desenvolvimento infantil se torna também possibilidade de intervenção. A criança será portadora de um passado, mas também da indeterminação do futuro.

Dominique Ottavi descreve o pensamento de alguns autores do final do século XIX que se ocuparam do conhecimento psicológico da criança dos quais destacaremos Wilhelm Thierry Preyer (1841-1897) e Bernard Pérez (1836-1903), a fim de desenvolver as idéias já expostas através de uma apresentação sucinta do pensamento destes autores.

A escolha destes dois autores como representantes dos estudos sobre a criança produzidos no final do século XIX, teve como critério o fato de terem objetivos distintos de tal forma que possibilitam também ilustrar a questão colocada no início deste capítulo quanto às relações que tais conhecimentos estabelecem ou não com as práticas educativas.

¹⁷ D. Ottavi, *op.cit.*, p. 47.

Verifica-se que a obra *Die Seele des Kindes* (1882)¹⁸ de Wilhelm Preyer é apontada na literatura secundária como um marco da Psicologia da criança, ainda que considerem a relevância de outros estudos contemporâneos e antecedentes à obra de Preyer.¹⁹

Também parecem concordar, os autores citados, quanto aos pressupostos do pensamento de Preyer. Esta obra do fisiologista inglês, educado na Alemanha, teria francamente impressa a marca do evolucionismo de Charles Darwin e Ernest Haeckel.²⁰

Partindo da observação diária do seu filho, três vezes ao dia do nascimento até os três anos de idade, Preyer se ocupará, nesta obra, do desenvolvimento mental da criança.

As observações biográficas como método de estudo da criança é progressivamente utilizado na Europa a partir da segunda metade do século XIX.²¹

Charles Darwin utilizou o método observando seu filho nos primeiros meses de vida. Em artigo publicado em 1877, Darwin faz referência à publicação de Hippolyte Taine (1828-1893) a qual teria feito com

¹⁸ A obra foi traduzida para o inglês como *The Mind of the Child* e para o francês como *L'âme de L'enfant*.

¹⁹ Ver por exemplo: M. Debesse, “La infância em la historia de la psicologia” in H. Gratiot-Alphandéry & R. Zazzo, *Tratado de psicologia del niño: historia y generalidades*, pp. 31-43; S. R. Kern, *Freud and the Emergence of Child Psychology: 1880-1910*, p. 215 e D. Ottavi, *De Darwin a Piaget: pour une histoire de la psychologie de l'enfant*, p. 129.

²⁰ Especificamente as idéias contidas nas obras: *The Descent of Man, and Selection in Relation Sex* (1871) e *The Expression of Emotions in Man and the Animals* (1872) de C. Darwin e *Generelle Morphologie der Organismen, Allgemeine Grundränge der Organischen Formen-Wissenschaft* (1866) de E. Haeckel.

²¹ M. Debesse, “La infância em la historia de la Psicología” in H. Gratiot-Alphandéry & R. Zazzo, *Tratado de psicologia del niño: historia y generalidades*, p. 35. O autor coloca que os estudos sobre a criança norte-americanos do mesmo período são caracterizados por outro método. Trata-se de pesquisa mediante questionários aplicados a um grande número de sujeitos; tais como os estudos de Stanley Hall (1844-1924).

que resolvesse publicar também o diário de observações do seu filho realizadas 37 anos antes. Darwin afirma que o principal objeto das observações de seu filho era o estudo das expressões humanas e dos animais.²²

Wilhelm Preyer no prefácio da extensa obra *A alma da criança* expõe que o estudo do desenvolvimento da criança do ponto de vista fisiológico daria continuidade ao estudo do desenvolvimento embrionário que já havia realizado. O objetivo de Preyer é procurar discernir os dois fatores que constituem segundo ele a *Psyche*: a hereditariedade e a atividade individual.²³

O autor inicia a obra com a descrição das primeiras observações do bebê realizadas já aos cinco minutos de vida. Para Preyer o desenvolvimento mental está fundado nas atividades dos sentidos e o autor as descreve na primeira parte da obra, na seguinte ordem e em forma de capítulos: a visão, a escuta, o tato, o gosto e o olfato. Segue ainda na primeira parte da obra, com a descrição das primeiras sensações e emoções: as sensações de prazer em geral, de desprazer, a fome, a saciedade, a fadiga, o medo e o susto (espanto). Na segunda parte da obra, Preyer tratará das primeiras manifestações da vontade, e na terceira, do desenvolvimento intelectual.

Na primeira parte da obra, Preyer faz uma minuciosa descrição do desenvolvimento dos sentidos na criança. Buscando sempre as primeiras

²² C. Darwin, *A Biographical Sketch of an Infant Mind*, p. 285.

²³ W. Preyer, *The Mind of the Child: Observations Concerning the Mental Development of the Human Being in the First Years of Life*, pp. IX-XV.

manifestações das faculdades dos sentidos na criança, as descrições das observações de Preyer vêm sempre acompanhadas de explicações fisiológicas do funcionamento do órgão do sentido em questão. Também, invariavelmente, o autor descreve a manifestação das mesmas faculdades observadas nos animais.

O aparecimento das primeiras emoções é também descrito por Preyer como uma fisiologia do prazer e do desconforto. O autor ocupa-se da expressão corporal e dos sinais observáveis de algumas sensações. Preyer faz algumas referências a Charles Darwin como, por exemplo, a descrição da expressão facial nos primeiros meses de vida diante de uma situação de desprazer.²⁴

Preyer parece concordar com Darwin ao considerar que as expressões das emoções seriam resíduos de experiências ancestrais. Ao descrever, por exemplo, a sensação do medo na criança, Preyer afirma que podemos observar em algumas situações a manifestação do medo como uma sensação herdada. O argumento usado pelo autor é o de que muitas crianças pequenas mostram-se amedrontadas ao se depararem com animais como os cães, porcos e gatos antes mesmo de conhecerem as qualidades de perigo que estes animais podem oferecer.²⁵ Darwin faz afirmação semelhante no artigo anteriormente citado sobre a observação de seu filho. Darwin afirma que há alguns medos reais sentidos pelas crianças

²⁴ *Ibid.*, p. 149.

²⁵ *Ibid.*, p. 164.

pequenas, que tendem a desaparecer, e que seriam independentes da experiência.²⁶

Ressaltamos que Preyer não deixa de considerar as atividades e experiências individuais no desenvolvimento infantil. Na segunda parte da obra, o autor trata do desenvolvimento da vontade na criança. Para Preyer um recém-nascido não tem vontade, pois “um ato de vontade só é possível depois do desenvolvimento das percepções”.²⁷ Para o autor a vontade se manifestará na criança a partir dos movimentos físicos, ou seja, a vontade pressupõe certos movimentos para expressá-la. Preyer afirma que são quatro as manifestações da vontade: as palavras, os atos, a fisionomia e os gestos. Deste modo, o autor distingue e classifica os vários movimentos inatos observáveis na criança, dos movimentos propriamente voluntários; mencionando inclusive os movimentos do feto.

Os movimentos voluntários implicam um objetivo e, portanto, a existência de uma idéia, de modo que: “Sem a faculdade das representações intelectuais não há vontade; sem a atividade dos sentidos não há representação; assim a vontade é de fato indissolúvelmente ligado às sensações”.²⁸

Como observa Ottavi, para Preyer os movimentos são o ponto de partida: primeiro viria o “esforço” motor; a vontade viria depois.²⁹ Para Preyer os primeiros passos dados pela criança na atividade do andar, por exemplo,

²⁶ C. Darwin, *op.cit.*, p. 288.

²⁷ W. Preyer, *op. cit.*, p. 187.

²⁸ *Ibid.*, p. 337. (Tradução nossa).

²⁹ D. Ottavi, *op.cit.*, p. 132.

são desprovidos de um objetivo e não são aprendidos pela criança. Em outros termos: primeiro viria a atividade motora e posteriormente a ela seria atribuída uma significação consciente. Sobre as ações observáveis em todas as crianças em diferentes momentos do seu desenvolvimento tais como o sentar, o ficar de pé, o rastejar (engatinhar), o correr, o andar, o pular, o subir, o arremessar, o autor afirma que:

“(…) estes movimentos são predominantemente ou exclusivamente instintivos. Eles não se fazem conhecidos pela educação. Se insistirmos em dizer que são aprendidos, é necessário que se admita então que o são apenas numa mínima proporção através da imitação; a uma criança que não é imposto nenhum obstáculo para o pular, subir, arremessar, ela irá sem fracassar executar estes movimentos, mesmo quando ela não foi treinada para tal. Nossos ancestrais devem ter encontrado nestes movimentos utilidades particulares; estes passaram ao estado de movimentos habituais e tornaram-se hereditários”.³⁰

Ainda na segunda parte da obra, o autor dedica um capítulo aos movimentos imitativos (imitação por parte da criança dos movimentos de outras pessoas). Os movimentos de imitação da criança são para Preyer a demonstração que a criança já tem a vontade, pois implica o triplo processo de primeiro perceber através dos sentidos, depois de ter uma idéia do percebido, e terceiro de executar o movimento que corresponde a esta idéia.

³⁰ W. Preyer, *op. cit.*, p. 281. (Tradução nossa).

Preyer afirma que a imitação seria, deste modo, a prova certa da atividade do cérebro da criança ou provavelmente de certas partes do córtex cerebral.³¹

Podemos afirmar neste sentido que, se para Preyer identificamos a emergência da vontade na imitação, e esta é consequência do amadurecimento do cérebro da criança, a noção de desenvolvimento da criança para o autor, é, sobretudo, um desenvolvimento orgânico que se apresenta como uma sucessão cronológica de fatos observáveis.

O autor descreve os vários movimentos de imitação da criança, sendo que os primeiros aparentam serem involuntários e conforme a criança cresce, tais imitações vão se tornando cada vez mais complexas e perfeitas, e também mais ligadas às experiências diárias. Preyer menciona, por exemplo, a imperfeição dos primeiros movimentos imitativos dos bebês aos quatro, sete e nove meses de idade. O autor menciona o aceno como um movimento imitativo praticado cedo pelas crianças e observado em seu filho aos dez meses de idade. As imitações observadas mais tarde, no segundo ano de vida, tais como os movimentos cerimoniais (cumprimento) se distinguem destes, uma vez que, são executados sem que haja qualquer indução ou solicitação.

Na terceira e última parte da obra, ao tratar do desenvolvimento intelectual da criança, o autor coloca que como fruto de suas observações concluiu que ao contrário das idéias correntes, o desenvolvimento intelectual é independente da aquisição da linguagem.

³¹ W. Preyer, *op. cit.*, p. 282.

Preyer coloca que é difícil estabelecer um desenvolvimento normal, já que este está subordinado ao meio e à educação antes mesmo de uma instrução sistemática. Entretanto, o autor se propõe a demonstrar que a criança pensa antes de conhecer a significação de uma só palavra; isto é, o encadeamento das idéias, o processo lógico de associação entre as sensações que vão sendo armazenadas na memória e as novas sensações coordenadas no espaço e tempo, precede a fala. A criança constrói os conceitos, e em seguida os nomeiam. Nos termos do autor: “a lógica embrionária não precisa das palavras”.³²

O autor argumenta que este processo de formação das primeiras idéias e representações simples, inferiores, gerais, podem ser observadas nas crianças afásicas, nos surdos-mudos e nos animais superiores. Preyer dedicará a maior parte dos capítulos desta terceira parte da obra para demonstrar esta tese, descrevendo as condições orgânicas para a aquisição da fala, os distúrbios relacionados à linguagem e a observação da linguagem nos três primeiros anos de vida da criança.

As primeiras idéias, para Preyer não são inatas, mas são hereditárias. Como já colocado, a formação das primeiras idéias pressupõe uma associação das sensações, de modo que não podem ser inatas. No entanto, há sim, para Preyer uma inteligência inata, entendida como uma capacidade orgânica, uma função potencial do cérebro para perceber as coisas e formar idéias a qual seria transmitida por várias gerações.

³² W. Preyer, *The mind of the child III.*, p. 2.

O “desenvolvimento do sentimento do eu”, para Preyer está naturalmente ligado ao desenvolvimento intelectual. Progressivamente, a criança adquire a consciência do eu através da percepção de que partes do seu corpo lhe pertencem, tal como os conceitos que se formam a partir da coordenação de sensações. Deste modo, as experiências mais complexas permitirão que o indivíduo chegue a uma unidade do eu. O conceito abstrato do eu é possível apenas para o indivíduo adulto, pois implica a capacidade de abstração e a criança não teria ainda um repertório e as conexões orgânicas necessárias para tal.³³

A criança, para Preyer, a partir de uma longa série de experiências individuais, em particular as dolorosas, diferenciara o eu do não eu adaptando-se ao próprio corpo. Se as partes do seu corpo inicialmente eram percebidas como estranhas pela criança, elas deixam de ser objeto de interesse da criança com o desenvolvimento do sentimento do eu, pois deixam de causar novas sensações, isto é, agem sobre os órgãos dos sentidos de forma uniforme. Assim, a criança se voltará para o mundo externo, o que lhe causará novas impressões objetivas. E é à medida que as impressões do mundo externo se sucedem e que a criança “experimenta ser a causa” de tais impressões, que o desenvolvimento do eu se dá progressivamente.³⁴

Preyer conclui a obra com a afirmação de que o desenvolvimento do eu da criança é a possibilidade “de superar sua natureza animal da

³³ W. Preyer, *op. cit.*, p. 206.

³⁴ W. Preyer, *op. cit.*, p. 219.

primeira fase de sua existência”, e ao se tornar um homem pensante, atinge o topo da experiência da vida.³⁵ E no último parágrafo da obra, o autor nos explicita porque “a alma da criança” é objeto de seu estudo: “A história do desenvolvimento da alma da criança fornece a explicação do enigma que se coloca quando nos perguntamos como estes extremos [a natureza animal e a humana] estão ligados um ao outro”.³⁶

Diferentes dos objetivos de Preyer são os de Bernard Pérez. Como coloca Ottavi, o filósofo francês tem como objetivo afirmar a autonomia de uma ciência da criança e estabelecer relações entre os problemas científicos e as preocupações da educação.³⁷

Também aponta Ottavi que a obra de Bernard Pérez apesar de bastante conhecida na época, teria caído no esquecimento. Para Ottavi este “sucesso efêmero” da obra de Bernard Pérez poderia ser explicado, sobretudo, pelo fato do autor não desenvolver propriamente uma teoria sobre a educação e situar-se do ponto de vista do universo privado das famílias, isto é, o universo da intimidade burguesa.³⁸

A primeira obra de Pérez, *Les trois premières années de l'enfant* é publicada em 1878, sendo reformulada na edição de 1882 e acrescida de um prefácio do psicólogo inglês James Sully na edição seguinte de 1886. A partir da décima edição a obra passa a ter o título *La psychologie de l'enfant, les trois premières années*.

³⁵ *Ibid.*, p. 219.

³⁶ *Ibid.*, p. 220.

³⁷ D. Ottavi, *op.cit.*, p. 144.

³⁸ *Ibid.*, p. 144.

Esta obra tem como objeto principal a Psicologia da criança em geral. Os três primeiros anos de vida da criança seriam para Pérez, o início de um desenvolvimento que se dá como uma sucessão de etapas em que o psíquico interage com o ambiente. É com esta idéia de desenvolvimento global e cronológico que Pérez publicou também a obra *L'enfant de trois à sept ans* (1886).

Pérez, segundo Ottavi, teria como projeto a elaboração de uma teoria da educação caracterizada pela presença de recomendações e conselhos em suas obras nas quais não se percebe claramente os fundamentos científicos sobre os quais o autor está amparado.

No prefácio da obra *Les trois premières années de l'enfant* o autor coloca que a sua interpretação dos fatos é conduzida segundo o espírito do método experimental. Declara também, que “não é de nenhuma escola” apesar de ter “preferências e tendências” entre as quais cita as explicações de Charles Darwin e de Herbert Spencer para o processo evolutivo humano.³⁹

Ainda sobre os pressupostos de Pérez, Ottavi coloca que tal como Hypollite Taine, o conhecimento da criança é entendido como o conhecimento da psicogênese enquanto formação da inteligência constituída pelas experiências acumuladas das gerações.⁴⁰

Ottavi coloca também que o pensamento de Pérez poderia ser qualificado como neo-lamarckista, ainda que o fator darwiniano da evolução,

³⁹ B. Pérez, *Les trois premières années de l'enfant*, p. II.

⁴⁰ D. Ottavi, *op.cit.*, p. 147.

isto é, a seleção natural não estivesse, à época, nitidamente em oposição à idéia de hereditariedade das características adquiridas.⁴¹

Pérez tal como Preyer também dedica a primeira parte da obra para descrever as primeiras impressões dos bebês. Inicia com descrição das impressões intra-uterinas e do momento do nascimento. Pérez estabelece uma outra ordem para tratar das primeiras sensações do bebê e as descrições são muito mais curtas, pois não se trata da descrição de observações sistemáticas, tal como o estudo de Preyer que apresenta explicações fisiológicas do desenvolvimento da criança. Pérez cita o estudo de outros autores para sua argumentação, e com muita freqüência, a obra de Preyer abordada anteriormente.

A primeira das sensações a ser descrita por Pérez é o gosto. Enquanto que Preyer descreve as reações do bebê em relação aos diferentes sabores (ácido, doce, etc) procurando identificar como se dá a diferenciação destes, Pérez trata de aspectos que poderíamos chamar de “subjetivos” envolvidos com o gosto. Pérez faz a seguinte afirmação na seção em que trata do gosto:

“Em resumo, os mais vivos sentimentos da criança são por muito tempo aqueles que se relacionam com o gosto. A necessidade de alimentar-se domina por muito tempo todas

⁴¹ Sobre esta questão ver artigo de L.A.-C.P. Martins, “Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso” in L.A.-C.P. Martins; C.C. Silva e J. M. H. Ferreira (eds.) Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º encontro AFHIC, pp. 281-289. A autora adverte-nos justamente do quão problemático é qualificar o pensamento de autores como lamarckistas e neo-lamarckistas, demonstrando através do estudo da obra de Herbert Spencer a convivência da idéia de seleção natural darwiniana com a aceitação da herança de caracteres adquiridos para a explicação de alguns casos como fatores da evolução orgânica.

as outras necessidades, mesmo a necessidade de movimento; ele é o primeiro a se manifestar e o mais persistente. Esta imperiosa e ativa necessidade está ligada, para a criança, às emoções mais agradáveis. É através da satisfação do apetite que ela se põe a conhecer e a amar sucessivamente o seio de sua nutriz ou sua própria mamadeira, e em seguida as mãos, o rosto, a voz, os olhos, o riso, as carícias, a pessoa inteira de sua nutriz”.⁴²

Também em outras partes da obra verifica-se a presença desta preocupação com os “aspectos subjetivos” do desenvolvimento da criança, fazendo denotar, inclusive, no seu discurso, um certo tom de “aconselhamento preventivo”. Estes aconselhamentos mostram-se bastante evidentes no último capítulo da obra que trata da formação moral da criança em que o autor se dirige aos educadores psicólogos. Estes são advertidos quanto aos hábitos que a criança pode adquirir e da necessidade de um direcionamento da vontade da criança.⁴³

Ressaltamos, entretanto, que esta preocupação com a educação está baseada numa concepção de desenvolvimento que para Pérez é entendido como uma sucessão de etapas contínuas. Como aponta Ottavi para o autor não se trata de um desenvolvimento organizado em estádios separados por rupturas tal como estabelece Jean Piaget (1896-1968).⁴⁴

⁴² B. Pérez, *op. cit.*, p. 18.

⁴³ *Ibid.*, pp. 327-338.

⁴⁴ A psicologia genética de Jean Piaget considera que o desenvolvimento psicológico da criança se dá através da superação de grandes etapas (estádios sensório-motor, pré-operatório, das operações concretas e operações formais).

Ainda segundo Ottavi a concepção de criança de Pérez se distingue da concepção de outros estudiosos, tal como Preyer porque a criança deixa de ser tão somente depositária da evolução da espécie, mas também a ela será atribuído um futuro ainda indeterminado. A educação seria, portanto, este canal que faria a partir do que é herdado, do “antigo”; o novo.

As preocupações de Pérez de estabelecer uma psicologia evolutiva voltada para a educação se evidenciam na obra publicada em 1888 *L'art e la poésie chez l'enfant* em que o autor considera a atividade artística da criança antes de qualquer processo de aprendizagem uma forma privilegiada de observação do desenvolvimento do processo criativo humano.

Considerando os objetivos distintos das obras de Pérez e Preyer, podemos afirmar que estes dois autores apresentam uma característica comum aos estudos psicológicos da criança do final do século XIX, qual seja, a investigação da vida mental da criança concebida do ponto de vista do seu desenvolvimento orgânico na perspectiva das teorias da evolução.

Fazendo uso dos termos colocados por Mueller a psicologia deste período tem como objeto “a matéria-prima da vida mental”.⁴⁵ Objeto este, investigado principalmente à luz do método experimental que concedia à Psicologia, entre outros aspectos, um estatuto de ciência.

Verifica-se que neste contexto a preocupação dos estudos psicológicos da criança versa sobre os aspectos conscientes e cognitivos da

⁴⁵ F-L. Mueller, *História da psicologia*, p. 277.

vida mental infantil e sobre seus respectivos comportamentos observáveis. Podemos afirmar neste sentido, que a valorização da criança e da infância como objeto da investigação da psicologia do final do século XIX se consolida por ser um período da vida do homem capaz de trazer esclarecimentos sobre o desenvolvimento e a formação da vida psíquica humana.

Sigmund Freud, no final do século XIX também valorizará este período primeiro do desenvolvimento do homem, isto é, para Freud a vida infantil também terá lugar na compreensão de fenômenos da vida psíquica. Há neste sentido, relações que podem ser estabelecidas entre a importância que é atribuída à vida infantil na teoria da sexualidade infantil freudiana formulada no final do século XIX e os estudos psicológicos da criança do mesmo período? Para tanto, antes mesmo do exame do que é infantil para Sigmund Freud no período em questão, faz-se necessário compreender os pressupostos e o percurso do autor na criação daquilo que nomeou como Psicanálise.

Capítulo II

A criação da Psicanálise e a emergência do infantil na teoria freudiana

O estudo da concepção de infantil de Sigmund Freud na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905 traz a necessidade de explicitar alguns aspectos das construções teóricas freudianas.

Inicialmente vale frisar que Sigmund Freud embora conceda um lugar privilegiado ao infantil, através da sistematização teórica que faz em 1905, não tem como objeto de suas preocupações a criança, ou seja, ela não é objeto a partir do qual inicia suas pesquisas, nem tampouco da sua clínica. A idéia de infantil que se configura em 1905, é, portanto, um ponto de chegada da psicanálise freudiana, esta entendida como um método de investigação clínica, um método de tratamento e um conjunto de construções teóricas.

Deste modo, neste capítulo identificaremos os pressupostos implicados nestas construções teóricas e os problemas metodológicos e conceituais do autor que antecedem os *Três ensaios*.

Iniciemos com a descrição de alguns aspectos relativos à formação médica de Sigmund Freud.

Sigmund Freud nasceu em Freiberg, na Moravia, em 1856. O austríaco de origem judaica chega à Viena em 1860 e aos 17 anos inicia o curso de medicina na Universidade de Viena.

Em 1873, quando iniciou o curso de Medicina, além de disciplinas de Anatomia, Botânica, Química, Microscopia e Mineralogia, Sigmund Freud

também cursou a disciplina intitulada "Biologia e Darwinismo" ministrada pelo médico e zoólogo alemão Carl Claus (1885-1899) e "Fisiologia da Voz e Educação" ministrada pelo professor também alemão Ernest Wilhelm von Brücke (1819-1892).

Nos anos seguintes, 1874 e 1875, Sigmund Freud dá continuidade aos estudos de Fisiologia e Zoologia e também realiza estudos de Física e Filosofia.

Em 1876, Sigmund Freud realiza pesquisas em zoologia marinha sob orientação de Carl Claus na Estação de Zoologia Marinha em Trieste. Pesquisando sobre a estrutura gonádica das enguias, Freud dedica-se à dissecação de enguias para o exame de estruturas histológicas. Carl Claus que tinha chegado em Viena dois anos antes a fim de aprimorar o departamento de Zoologia da Universidade de Viena, era um adepto do pensamento darwiniano. Encontrava-se envolvido no debate acerca da teoria da evolução, sobretudo numa polêmica travada sobre a questão da gradação com Ernest Haeckel (1834-1920), um dos divulgadores do darwinismo nos países germânicos.⁴⁶

Ainda em 1876, Sigmund Freud passa a dedicar-se a pesquisas no Laboratório de Fisiologia de Brücke onde permaneceu até 1882.

⁴⁶ L. B. Ritvo, *A influência de Darwin sobre Freud*, pp. 163-176. Segundo a autora Claus era um rigoroso pesquisador, adepto de um ceticismo científico, e que considerava que era necessário um lento processo de observações para a aplicação das idéias de Darwin, ou seja, baseado na teoria da evolução gradual acreditava que não dispunha ainda material suficiente para estabelecer quadros genealógicos como Haeckel fazia, considerando que este exagerava as afirmações de Darwin.

O médico e fisiologista Ernest Brücke a quem Freud refere-se como um modelo, era um dos representantes da fisiologia mecanicista alemã, conhecida por escola de Helmholtz.⁴⁷

No Instituto de Brücke investigava-se o sistema nervoso de animais, e sobre estas pesquisas, Ernest Jones afirma que “estritamente vinculada a esse aspecto dinâmico da fisiologia de Brücke era sua orientação evolutiva”.⁴⁸ Freud inicialmente realizou pesquisas microscópicas da histologia de células nervosas de certos peixes primitivos (*Petromyson*). As investigações de Freud das colunas espinhais dos *Petromyson* acabaram por demonstrar que as células destes peixes inferiores (células de Reissner) eram homólogas às células ganglionares espinhais posteriores; trabalho este, publicado em 1878. Portanto, estas pesquisas histológicas baseadas numa fisiologia mecanicista eram também um estudo filogenético, ou seja, tinham uma orientação evolutiva na medida em que se buscava demonstrar a continuidade existente entre animais inferiores e superiores.

Ritvo entretanto, procurou demonstrar a influência do pensamento darwiniano sobre as idéias de Freud e que esta teria se consolidado através de Carl Claus e não através de Ernest Brücke como até então se pensava. Para a autora, não há indícios na obra e biografia de Brücke que ele estivesse diretamente envolvido com as idéias de Darwin e o laboratório de

⁴⁷ Escola de pensamento da medicina e fisiologia baseada nas ciências físico-químicas formada nos anos quarenta em língua alemã por Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz (1821-1894), físico e fisiologista alemão; Emil Du Bois-Reymond (1818-1896), Carl Ludwig (1816-1895) e Ernest Wilhelm von Brücke.

⁴⁸ E. Jones, *A vida e obra de Sigmund Freud*, p. 74.

Brücke teria sido o espaço propício para Freud dar continuidade a seus interesses evolucionistas.⁴⁹

Vale mencionar que Sigmund Freud não cita Carls Claus na sua *Autobiografia* como o faz em relação a Brücke.⁵⁰

Peter Gay reafirma o genuíno interesse de Sigmund Freud pelo pensamento de Darwin, e, sobretudo, pela atividade da pesquisa, mas parece colocá-la como uma preocupação comum ao contexto e período em questão:

“O Freud zoólogo que estudava as gônadas das enguias, o Freud fisiologista que estudava as células nervosas de lagostins e o Freud psicólogo que estudava as emoções dos seres humanos estavam todos empenhados num único empreendimento. Na rigorosa pesquisa histológica que realizou para Brücke, Freud estava participando de um imenso esforço coletivo a fim de demonstrar os caminhos da evolução. Para ele, Darwin nunca deixou de ser ‘o grande Darwin’, e as investigações biológicas agradavam mais a Freud do que o atendimento aos pacientes”.⁵¹

Entre 1879 e 1882 as investigações de Sigmund Freud eram as células nervosas de lagostins. Segundo Jones estas pesquisas de Freud situavam-se num campo para além da histologia:

“Nesses trabalhos iniciais de pesquisa Freud limitava-se estritamente a ponto de vista anatômico, embora deixasse claro que as suas investigações eram realizadas com a

⁴⁹ E. Jones, *op. cit.*, pp. 209-220.

⁵⁰ S. Freud, *Autobiografia*, pp. 2762-2763.

⁵¹ P. Gay, *Freud: uma vida para nosso tempo*, p. 188.

esperança de obter uma visão interna do mistério da ação do nervo”.⁵²

Sigmund Freud deixa o Instituto de Brücke em 1882, já formado, onde tinha sido promovido à posição de Demonstrador. Por dificuldades financeiras e apesar do interesse pelas pesquisas que vinha realizando, passa a dedicar-se à prática da medicina. No Hospital Geral de Viena, entre 1882 a 1885, Sigmund Freud trabalhou em serviços médicos de várias especialidades: cirurgia, medicina de doenças internas, psiquiatria, dermatologia, doenças nervosas e oftalmologia.

Destacamos a experiência que Freud teve como assistente na clínica psiquiátrica chefiada pelo psiquiatra Theodor Meynert (1833-1892). A psiquiatria neste período era caracterizada pelos estudos anatomopatológicos em que se procurava os substratos orgânicos correspondentes à sintomatologia da doença mental. Meynert anatomista do cérebro, inspirado no modelo herbatiano⁵³ era um representante da psiquiatria na Viena do final do século XIX. Assim, é neste contexto que Freud tem suas primeiras experiências clínicas e realiza investigações sobre anatomia cerebral no laboratório de Meynert, tendo publicado trabalhos sobre suas pesquisas.

Em 1885, após ser nomeado docente (*Privadozent*) em neurologia, Freud obtém uma bolsa de estudos e vai a Paris atraído pelo

⁵² E. Jones, *op.cit.*, p. 79.

⁵³ A referência é ao filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), cuja principal obra é *A psicologia como ciência fundada na experiência, na metafísica e na matemática*.

renome do neurologista Jean Martin Charcot (1825-1893) e pelos estudos sobre o fenômeno da histeria que este desenvolvia como docente da cadeira de doenças nervosas no Hospital da Salpêtrière.

Ao submeter a histeria, ainda nos anos setenta, ao modelo anátomo-clínico, Charcot possibilitou à histeria figurar como uma doença nervosa. Entretanto, o modelo anátomo-clínico em que as doenças ao apresentarem uma sintomatologia regular são remetidas às lesões orgânicas identificáveis pela anatomia patológica, não abarcava o fenômeno da histeria. Diante da ausência da lesão correspondente à sintomatologia, Charcot passa a descrevê-la como uma perturbação funcional ou dinâmica do sistema nervoso de origem orgânica. A técnica da hipnose foi utilizada por Charcot a fim de explicar a natureza da histeria, pois se através da hipnose era possível produzir experimentalmente os sintomas histéricos, esta iria permitir descobrir as leis que regem a produção do sintoma.

Desta forma, segundo Charcot, havendo uma predisposição hereditária e um trauma psíquico produzir-se-ia um estado hipnótico, o que tornaria a pessoa suscetível de sugestão; sendo os sintomas histéricos, manifestações corporais do trauma. Assim, o estado hipnótico produzido experimentalmente remeteria ao estado da situação traumática de forma temporária, podendo deste modo, os sintomas histéricos serem suprimidos.

Sigmund Freud retorna a Viena em 1886⁵⁴, impressionado com os ensinamentos de Charcot. Freud relata na sua *Autobiografia* o que mais o impressionou:

“(...) a demonstração da autenticidade e normalidade dos fenômenos histéricos e a freqüente aparição da histeria em sujeitos masculinos, a criação de paralisias e contraturas histéricas por meio da sugestão hipnótica e a conclusão que estes produtos artificiais mostram exatamente as mesmas características que os acidentais e espontâneos, provocados com freqüência por um trauma”.⁵⁵

Freud retoma o contato com o médico vienense Josef Breuer (1842-1925) quem havia conhecido no Instituto de Fisiologia. Em 1882, antes da ida de Freud a Paris, Josef Breuer havia apresentado um caso clínico, conhecido como o “caso Ana O”⁵⁶, que estava tratando e que iria ter um papel importante no que se refere às primeiras idéias psicanalíticas freudianas.

Josef Breuer tornara-se amigo de Freud e passaria a ter grande importância na vida pessoal e intelectual de Freud, especialmente no período de 1882 e 1895.

⁵⁴ Ainda em 1886 no seu regresso de Paris, Freud dedicou-se por semanas às enfermidades nervosas infantis em Berlim com Adolf Baginsky.

⁵⁵ S. Freud, *Autobiografia*, p. 2764.

⁵⁶ Trata-se do tratamento da jovem vienense Bertha Pappenheim (1860-1936), atendida por Josef Breuer entre 1880 e 1882 que apresentava diversos sintomas histéricos suprimidos ao longo do tratamento e que se tornaria um dos casos clínicos emblemáticos no que se refere à criação da Psicanálise.

Em 1887 Sigmund Freud conhece através de Breuer o médico alemão Wilhelm Fliess (1858-1928) com o qual passaria a se corresponder até 1902. Também é atribuída grande importância à interlocução que Freud estabelece com Fliess tanto do ponto de vista pessoal, como na construção do pensamento psicanalítico.

Após o retorno de Paris, Freud esteve voltado para a prática clínica, especialmente para o tratamento de pacientes histéricas, passando a dedicar-se principalmente ao seu consultório particular aberto ainda em 1886.⁵⁷ Depois de fazer uso de métodos terapêuticos como massagens, hidroterapia e eletroterapia, adota a sugestão hipnótica que será seu “principal instrumento de trabalho” nos anos seguintes. Em 1889 Freud vai à França novamente aperfeiçoar a técnica da sugestão com o médico Hyppolyte Bernheim (1840-1919) representante da escola de Nancy.⁵⁸

Em relação à sugestão hipnótica Freud afirma na *Autobiografia* que a adoção da técnica “supunha a renúncia do tratamento das enfermidades nervosas orgânicas”.⁵⁹

Em 1895 é publicada a obra *Estudos sobre a histeria* elaborada em conjunto com Josef Breuer. O primeiro capítulo desta obra, cujo título é “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos” e o subtítulo “Comunicação preliminar”, é uma reimpressão do artigo já publicado em

⁵⁷ Freud tem também como atividade o trabalho como neurologista no Instituto de Kassowitz e os exames críticos de diversas obras.

⁵⁸ A escola de Nancy cuja fundação é atribuída a Auguste Liébeault (1823-1904), tinha divergências em relação à escola da Salpêtrière. Para Hipolyte Bernheim a hipnose era um efeito da sugestão, opondo-se a Charcot, já que para este a hipnose estava relacionada a um estado patológico próprio dos histéricos.

⁵⁹ S. Freud, *Autobiografia*, p. 2766.

1893. Os *Estudos sobre a histeria* reúnem vários textos entre eles a descrição de casos clínicos.

É necessário mencionar, entretanto, que os *Estudos sobre a histeria* são precedidos de publicações em neurologia. Além das traduções para o alemão das conferências de Charcot e da obra de Bernheim, Freud publicara também resenhas e artigos de casos clínicos.

O primeiro livro de Sigmund Freud, publicado em 1891, *Sobre a formação das afasias: um estudo crítico* é uma monografia crítica em que Freud apoiando-se sobre as teorias do neurologista inglês John Hughlings Jackson (1835-1911), procura substituir a compreensão dos distúrbios da linguagem baseada na localização de lesões cerebrais para uma compreensão do ponto de vista funcional, ou seja, através de um associacionismo das funções psíquicas. Para alguns autores, nesta obra já estariam presentes algumas características do pensamento freudiano, uma vez que a compreensão da linguagem sob um ponto de vista funcional seria o germe da futura noção de aparelho psíquico, havendo já uma preocupação de cunho psicológico.

O que de fato nos parece legítimo afirmar é que as primeiras idéias freudianas propriamente psicanalíticas são construídas a partir de um contexto disciplinar específico: a neurologia.

A invenção da Psicanálise se dá pela tentativa de Sigmund Freud tratar a histeria e na atribuição de uma origem psíquica ao fenômeno. As formulações das hipóteses freudianas acerca dos fenômenos histéricos

estiveram, portanto, sempre vinculados aos problemas metodológicos com os quais se deparava na sua prática clínica.

Na “Comunicação preliminar”, em 1893, Freud apresenta o método hipnótico utilizado no tratamento de suas pacientes. Método este, que modificado por Josef Breuer, passaria a ser conhecido como “método catártico de Breuer”. Uma vez hipnotizadas as pacientes, eram interrogadas acerca da origem dos seus sintomas, ou seja, deveriam falar dos eventos traumáticos que teriam causado os sintomas. A recordação e a expressão verbal do evento traumático removeria o sintoma à medida que possibilitaria a descarga do afeto estancado que à época da ocorrência do evento traumático não teria tido uma descarga emocional adequada. Assim, a idéia de trauma psíquico teria uma relação causal com o sintoma histérico por permanecer atuando como um “corpo estranho” e independente fazendo com que os “histéricos sofressem principalmente de reminiscências”.⁶⁰

Ressaltamos que neste período a teorização freudiana está intimamente relacionada à “parceria” existente entre Freud e Breuer. O método de tratamento catártico é atribuído a Breuer, assim como a “teoria dos estados hipnóides”, que seria a hipótese adotada por Freud neste primeiro momento para os estados de dissociação psíquica que impossibilitavam a descarga emocional adequada.

Verifica-se que é ao caso clínico conhecido por “Ana O” atendido por Josef Breuer que se atribui estas primeiras formulações psicanalíticas. Foi através do atendimento desta paciente que Breuer teria adotado o

⁶⁰ S. Freud, “Comunicação preliminar”. in *Estudios sobre la histeria*, p. 44.

método baseado na catarse ou na ab-reação, processo nomeado por ele como “limpeza de chaminé”. Neste sentido, o que é destacado destas formulações iniciais para a criação da Psicanálise é a idéia da cura pela fala.

Quanto à questão teórica, ou quanto ao problema da etiologia da histeria, na obra *As neuropsicoses de defesas* de 1894, Freud faz uma distinção entre tipos de histeria destacando a histeria de defesa.⁶¹ Este quadro clínico tem como característica o fato dos pacientes serem saudáveis até o momento da experiência que gerou as idéias intoleráveis. Assim, Freud introduz a noção de “defesa”⁶² do paciente perante as idéias intoleráveis que se referem à vida sexual⁶³. Estas defesas eram, neste momento da teoria freudiana, intencionais. A tentativa do paciente de eliminar a idéia incompatível fracassaria, pois esta deixaria um traço mnêmico e o afeto correspondente na psique, o que na histeria teria um destino específico, qual seja, a conversão. Para Freud, a conversão seria o processo de somatização do afeto que separada da representação ou da idéia incompatível, se manifestava no corpo através dos sintomas. Esta passagem do afeto ou da excitação para a inervação corporal deixaria, portanto, que a representação se tornasse “inofensiva” para o paciente. Entretanto, tal processo não era definitivo à medida que o afeto retornava à consciência

⁶¹ S. Freud, “Las neuropsicosis de defensa” in *Estudios sobre la histeria*, pp. 170-171.

⁶² Segundo Roudinesco: “Sigmund Freud designa por esse termo o conjunto das manifestações de proteção do eu contra as agressões internas (de ordem pulsional) e externas, suscetíveis de constituir fontes de excitação e, por conseguinte, de serem fatores de desprazer”. E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise*, p. 141.

⁶³ Segundo Mezan “é neste contexto que Freud se refere com desembaraço, pela primeira vez, ao papel da sexualidade”. Em carta a Fliess datada de 21 de maio 1894, Freud afirma expressamente que o conflito refere-se à sexualidade e é em relação a ela que se ergue a defesa: “O conflito coincide com meu conceito de defesa (...) O que se rechaça é sempre a sexualidade”. R. Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*, p. 12.

promovendo novamente associações à representação, o que tornariam os sintomas persistentes ou o que provocariam os “ataques histéricos”.

Embora a formulação freudiana acerca da capacidade de conversão da histérica substituísse a teoria dos estados hipnóides de Breuer quanto à explicação da dissociação psíquica, metodologicamente ela justificava a catarse. No entanto, Freud se depara com um obstáculo técnico: nem todos os pacientes eram hipnotizáveis e a catarse dependia da hipnose.

Na “Psicoterapia da histeria” de 1895, capítulo clínico dos *Estudos sobre a histeria*, Freud apresenta os problemas metodológicos com os quais se deparava, ou seja, como deveria proceder sem fazer uso da hipnose para que a paciente recordasse dos eventos traumáticos.

Em 1894 Freud passa a adotar a “técnica de concentração” substituindo progressivamente o método catártico e da hipnose, através do qual o paciente deveria voluntariamente buscar a recordação desejada. Percebendo resistências⁶⁴ por parte das pacientes durante os atendimentos, e, suspeitando da existência de um funcionamento psíquico em que atuam defesas erguidas sempre em relação à sexualidade da paciente, Freud se depara com dois problemas fundamentais intrinsecamente relacionados: um metodológico e outro teórico. O problema metodológico culminará no método da livre associação e o teórico na hipótese da sedução.

Verifica-se que não é possível estabelecer uma data precisa da invenção do método da livre associação. Segundo Roudinesco & Plon: “Em

⁶⁴ Segundo Mezan, o termo é utilizado pela primeira vez no caso F. Elizabeth von R que fora atendida em 1882, em que Freud relata deparar-se com dificuldades no tratamento da paciente. R. Mezan, *op. cit.*, p. 12.

setembro de 1894 Freud começou timidamente a recorrer a esse método (...). Depois disso, renunciaria definitivamente à hipnose em fevereiro de 1896”.⁶⁵ Para Jones, “tudo o que podemos dizer dele é que evoluiu gradualmente de 1892 a 1895”.⁶⁶

Tal método, ao qual Freud se refere como a “regra fundamental da Psicanálise” na *Autobiografia* é descrita nos seguintes termos:

“Ao invés de conduzir a paciente a manifestar algo relacionado com um tema determinado, a convidamos agora a entregar-se à associação livre, isto é, a manifestar tudo aquilo que lhe ocorre em seu pensamento, abstendo-se de toda repressão final consciente”.⁶⁷

É necessário mencionar que para Freud, a livre associação está relacionada à idéia de que o material reprimido estaria disposto de acordo com uma ordem lógica ao redor de um núcleo central e não por acaso. Deste modo, os dados advindos da livre associação eram providos de um sentido.

Quanto à hipótese da sedução, esta se constituiu numa tentativa de responder à questão do caráter penoso da sexualidade.

Freud tem como hipótese para a causa do trauma da histeria a sedução sexual real sofrida na infância. Esta sedução sexual não seria vivida enquanto tal pela criança, mas recalcada. A cena, evocada

⁶⁵ E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise*, p. 649.

⁶⁶ E. Jones, *op.cit.*, p. 250.

⁶⁷ S. Freud, *Autobiografia*, p. 2780.

posteriormente na vida adulta, conferiria à experiência vivida na infância o caráter traumático, produzindo-se os sintomas histéricos.⁶⁸

Faz-se necessário frisar que para Freud esta hipótese teórica está baseada na sua prática clínica, ou mais precisamente na fala dos seus pacientes.

Neste período, Freud tem como objetivo formalizar uma “psicologia do normal”, interesse que se mostra interligado ao problema da etiologia das neuroses. Wolheim por exemplo, afirma que Freud “estava interessado em apresentar uma teoria geral da mente”⁶⁹ não só derivada da sua preocupação clínica em explicar o funcionamento patológico, mas também como uma preocupação herdeira do pensamento científico em que foi formado. *O Projeto para uma psicologia científica* de 1895 seria assim fruto desta necessidade de Freud explicar o funcionamento mental, tanto normal como patológico, a partir de um modelo neurológico.

Há ainda outro dado da construção teórica freudiana de especial relevância que se mostra articulado aos problemas teóricos e metodológicos apresentados: sua “auto-análise”. Trata-se da investigação de si mesmo realizada por Freud, através da análise de seus próprios sonhos e de fatos de sua vida. Há controvérsias entre os comentadores de Freud acerca da duração da auto-análise, mas sabe-se que no período entre junho e novembro de 1897, em cartas de Sigmund Freud enviadas a Fliess, a referência à auto-análise foi intensa.

⁶⁸ S. Freud, *Nuevas observaciones sobre la neuropsicosis de defensa*, pp. 286-287.

⁶⁹ R. Wolheim, *As idéias de Freud*, p. 44.

O interesse de Freud por seus sonhos já existia e este passou a analisar os sonhos que seus pacientes espontaneamente lhe contavam.⁷⁰ A interpretação freudiana dos sonhos está necessariamente relacionada ao método da associação livre, ou seja, a interpretação se dava a partir dos relatos dos sonhos e das associações que os próprios pacientes faziam em relação a estes.

Observa-se, portanto, que na invenção da Psicanálise estão envolvidas rupturas com o saber e a prática médica do período, na medida em que foram criados conceitos e métodos singulares. Entretanto, observa-se que tais conceitos e métodos se formaram justamente a partir de um contexto científico e de práticas médicas próprias do período.

Renato Mezan coloca que neste período, final da década de 90, Sigmund Freud dispõe de dados que não consegue articular coerentemente: o reconhecimento da atividade onírica como realização de desejos, uma hipótese clínica (a teoria da sedução) e ainda, uma teoria supostamente geral do psiquismo.⁷¹

No final dos anos noventa, verifica-se a configuração de um conceito fundamental da obra freudiano: o inconsciente. Em carta datada de setembro de 1897, enviada a Fliess, Freud faz a seguinte afirmação: “Não acredito mais em minha neurótica”. Esta afirmação é seguida de uma explicação em que Freud fala das suas constatações de que “no inconsciente não existe um ‘signo de realidade’, de modo que é impossível

⁷⁰ Como apontam alguns autores, tal interesse pode ser verificado já em carta datada de 1883 a Martha Bernays, sua esposa.

⁷¹ R. Mezan, *Freud, pensador da cultura*, p. 165.

distinguir a verdade frente a uma ficção afetivamente carregada”.⁷² Ou seja: as cenas anteriormente consideradas como experiência real de sedução, têm na verdade uma “realidade psíquica”. A questão que estava colocada para Freud era a da origem dos conteúdos trazidos pelos pacientes, uma vez que o trauma atribuído à etiologia da histeria não podia mais ser remetido a um fato real vivido por seu pacientes.

Desta forma, Freud constata clinicamente que os conteúdos trazidos por seus pacientes eram fruto de fantasias, de modo que não tinham uma realidade material, mas uma “realidade psíquica”.

Na obra *A interpretação dos sonhos* (1900), verifica-se a consolidação da hipótese do inconsciente que abarcava os problemas com os quais Freud se deparava na virada do século XIX para o XX.⁷³

Ao atribuir um sentido para os sonhos, isto é, ao constatar que os sonhos são uma realização disfarçada de desejos reprimidos, Freud se ocupará, da elucidação do processo de formação dos sonhos.

Para Freud o processo de formação dos sonhos, o qual nomeia de “trabalho do sonho” é equivalente, ou é ele mesmo, o modo de funcionamento do inconsciente.⁷⁴ O trabalho do sonho, através dos

⁷² S. Freud, “Carta 69 de 21/9/97” in *Los Orígenes del Psicoanálisis*, pp. 3578-3579.

⁷³ Dada a importância da obra *A interpretação dos sonhos* no pensamento freudiano e de modo geral na história da cultura ocidental, ressaltamos que nosso objetivo é procurar apresentar a emergência do infantil no percurso da construção do pensamento freudiano, de modo que apontaremos apenas alguns aspectos da obra pertinentes ao problema proposto.

⁷⁴ Roudinesco & Plon, observam que embora o termo inconsciente, colocado na sua forma substantiva como aquilo que escapa à consciência, já estivesse presente no século XIX, seja na filosofia romântica alemã, seja na psiquiatria dinâmica, Freud propôs uma concepção muito particular de inconsciente. Observam também que o aparecimento explícito do termo na obra de Freud data de 6/12/1896 em carta a Wilhelm Fliess, quando o inconsciente foi definido como uma instância do aparelho psíquico e que na época em que desenvolvia seu trabalho sobre os sonhos Freud identificava a sua concepção de

mecanismos de condensação e deslocamento, deformaria o conteúdo do sonho a fim de mascarar o desejo reprimido. Processo este, análogo à formação dos sintomas.

A questão do *infantil* está intrinsecamente vinculada à formulação freudiana de inconsciente, pois este é assimilado ao recalado (reprimido). Para o autor no início do século XX, o inconsciente é formado por conteúdos reprimidos referentes à sexualidade, e mais precisamente, à vida sexual infantil.

No Capítulo V, da obra *A interpretação dos sonhos*, Freud tenta responder à questão das fontes dos sonhos, isto é, qual seria a origem do material dos sonhos. Na seção B deste capítulo, Freud trata do material infantil como fonte de sonhos. Ao descrever e analisar seus próprios sonhos e de seus pacientes, o autor procura demonstrar que os sonhos mesmo que provocados por acontecimentos recentes, remetem a fontes do passado, isto é, a impressões, cenas ou experiências infantis. Em outras palavras: mesmo que o sonho apresente como conteúdo manifesto, experiências recentes, seu conteúdo latente está ligado às experiências antigas. Este é justamente o “trabalho do sonho” ao qual nos referimos anteriormente, ou seja, os conteúdos latentes passam por uma “deformação” através da condensação e deslocamento destes conteúdos, de tal modo que se apresentam sobredeterminados. Freud coloca nos seguintes termos este fenômeno que teria na sua base uma questão infantil:

inconsciente a Theodor Lipps (1851-1914) autor da obra *Os fatos fundamentais da vida psíquica* de 1883.

“Os sonhos amiúde parecem ter mais de um significado. Não somente, como nossos exemplos têm demonstrado, podem abranger várias realizações de desejos uma ao lado da outra; como também uma sucessão de significados ou de realizações de desejos podem ficar superpostos uns aos outros, sendo o último da base a realização de um desejo que data da primeira infância”.⁷⁵

Em outra seção deste mesmo Capítulo V da obra *A Interpretação dos sonhos*, Freud também tratará do *infantil*. A seção D trata dos “sonhos típicos” entre os quais estão os “sonhos sobre a morte de pessoas queridas”. Nesta seção Freud procurará elucidar o significado dos sonhos penosos sobre a morte de irmãos, mãe e pai:

“Se alguém sonha, com todos os sinais de dor, que seu pai ou sua mãe, irmã ou irmão morreu, eu nunca usaria o sonho como prova de que ele deseja a morte daquela pessoa no momento atual. A teoria dos sonhos não exige tanto assim; ela se satisfaz com a inferência de que essa morte foi desejada em alguma época durante a infância de quem sonhou. Receio, contudo, que esta ressalva não satisfaça os opositores; eles negarão a possibilidade de terem alguma vez nutrido tal pensamento com a mesma energia com que insistem em que não alimentam tais desejos agora. Devo, portanto, reconstruir uma parte da vida mental desaparecida das crianças com base na evidência do presente”.⁷⁶

⁷⁵ S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, p. 233.

⁷⁶ S. Freud, *op. cit.*, p. 265.

Nesta seção além de ocupar-se do *infantil* que se apresenta nos sonhos dos adultos como um desejo da infância, Freud trata também das crianças. Para explicar os “sonhos sobre a morte de pessoas queridas”, Freud dedica algumas páginas para descrever as relações que as crianças estabelecem com os irmãos e pais. Freud faz observações sobre a relação de rivalidade entre irmãos e das relações de amor e hostilidade que a criança estabelece com os pais justificando os desejos da criança de morte dos irmãos e dos pais.

Freud observa que os sonhos de morte dos pais com frequência se aplicam ao genitor do sexo oposto. Estes desejos de morte que datam da primeira infância, o que é, segundo ele, confirmado pela análise dos psiconeuróticos, teria a seguinte explicação:

“Sabemos por eles [os psiconeuróticos] que os desejos sexuais de uma criança (...) despertam muito cedo, e que a primeira afeição de uma menina é para com seu pai e os primeiros desejos infantis de um menino, para com sua mãe. Desta forma, o pai torna-se um rival perturbador para o menino e a mãe para a menina (...).⁷⁷”

Freud prossegue com este raciocínio, colocando que tais sentimentos, num grau menor, podem ser observados também nos indivíduos normais.

Vale mencionar ainda, que Freud cita a tragédia grega *Édipo-Rei* de Sófocles. O autor narra a tragédia e afirma que ela apóia sua hipótese

⁷⁷ *Ibid.*, p. 273.

acerca do desejo incestuoso da criança. Para tanto, o autor argumenta questionando a razão pela qual esta tragédia comove tanto o “público moderno” quanto os gregos antigos. Para Freud, não se trata tão somente do fato de ser uma tragédia do destino em que estão contrastados os destinos traçados pelos deuses e a vontade humana, mas sim porque nos identificamos com este destino:

“Se o destino de Édipo nos comove é porque poderia ser nosso e porque o oráculo lançou a mesma maldição sobre nós antes de nascermos. Talvez seja o destino de todos nós dirigir nosso primeiro impulso sexual à nossa mãe e ao nosso pai o primeiro sentimento de ódio e desejo destruidor”.⁷⁸

Embora o autor faça esta referência ao mito de Édipo, não há em 1900, propriamente o conceito de complexo de Édipo como processo de estruturação da personalidade.⁷⁹

É necessário colocar que a obra *A Interpretação dos sonhos* faz-se crucial no que tange à questão do *infantil* não só porque é diretamente abordada tal como colocamos, mas porque concentra todas as questões teóricas e metodológicas com as quais o autor se deparou até então. Não se trata de uma teoria dos sonhos, mas do inconsciente, e, portanto, da questão do infantil.

⁷⁸ S. Freud, *La interpretación de los sueños*, p. 507.

⁷⁹ A referência à tragédia comparece na obra de Freud antes mesmo da *Interpretação dos sonhos* em carta a Fliess de 1897, entretanto o conceito de Complexo de Édipo pressupõe formulações teóricas muito posteriores a 1900. Nem mesmo em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* podemos falar em Complexo de Édipo, questão que abordamos no Capítulo III.

Em publicação posterior à obra *A Interpretação dos sonhos*, Sigmund Freud aborda o tratamento psicanalítico de uma jovem vienense, conhecido como “Caso Dora”. Na obra *Fragmento da análise de um caso de histeria*, publicado em 1905, mas redigido entre 1900 e 1901, comparece novamente o problema da etiologia da histeria.

Como já colocamos anteriormente, desde a hipótese da sedução, Freud atribui à histeria uma etiologia sexual. Ao verificar que os traumas na verdade são “criações” de suas pacientes, Freud se propõe justamente a investigá-las. O fato é que estas fantasias de seus pacientes têm sempre um caráter erótico e que remetem à vida sexual infantil. Para Freud, a formação dos sintomas é decorrente da repressão da sexualidade infantil que se manifestam ulteriormente como fantasias inconscientes.

Sobre a sexualidade infantil, na *História do movimento psicanalítico*, Freud a coloca como uma descoberta que se deu a partir de sua atividade clínica:

“De início, observou-se apenas que era necessário remontar ao passado o efeito das experiências atuais. Mas os investigadores geralmente encontram mais do que procuram. Fomos atraídos cada vez mais pelo passado; acreditávamos primeiro poder parar na puberdade, época à qual se atribui tradicionalmente o despertar dos impulsos sexuais. Vã esperança; as pistas conduziam ainda mais para trás, à infância e aos seus primeiros anos”.⁸⁰

⁸⁰ S. Freud, *Historia del movimiento psicoanalítico*, p. 1901.

Assim, é neste sentido que a concepção de *infantil* começa a se fazer presente na obra de Freud, não como uma descoberta da sexualidade na criança ou na infância, mas como uma observação e investigação da vida adulta.

Capítulo III

Os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”

Inicialmente, fazem-se necessárias algumas pontuações preliminares quanto aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

De acordo com o exposto no capítulo anterior, as idéias freudianas acerca da sexualidade advêm das construções teóricas que se configuraram no final dos anos 90 do século XIX a partir de hipóteses sobre a etiologia e tratamento das neuroses.⁸¹

A obra em questão, datada de 1905, é de extrema importância no conjunto do pensamento freudiano porque sistematiza, em continuidade aos pressupostos presentes em textos anteriores, a teoria da sexualidade infantil.

De acordo com afirmação anterior, a criança, ou a infância não é objeto desta obra, nem tampouco faz parte das investigações de Sigmund Freud neste período. Entretanto, mesmo que Freud tenha elaborado a teoria da sexualidade infantil a partir da “observação” do adulto, isto é, através da análise de seus pacientes adultos, não é possível afirmar que para a construção desta teoria Freud não tenha feito uso algum de dados obtidos através da “observação” de crianças. Sobre esta questão Freud afirma: “Minhas afirmações sobre a sexualidade infantil se basearam a princípio

⁸¹ Concordamos com Fulgêncio, quando distingue na sua Tese de Doutorado aquilo que é especulação daquilo que é fruto de observação na teoria da sexualidade de Freud: “Tomar a sexualidade como importante para os neuróticos é um dado empírico indiscutível, mas que ela seja responsável pela fundação do próprio psiquismo, que ela tenha a mesma importância para os pacientes não neuróticos, é já uma suposição que ultrapassa o campo fenomênico, uma hipótese impossível de ser verificada pela observação”. L. Fulgêncio, *O método especulativo em Freud*, p. 356.

quase exclusivamente nos resultados regressivos da análise de adultos (...).⁸² Em nota de rodapé dos *Três ensaios* Freud faz afirmação muito semelhante: “Em 1905, foi essencialmente nos trabalhos da investigação psicanalítica que me baseei para fazer as afirmações acima sobre a sexualidade infantil”.⁸³ Entretanto, Freud afirma que suas hipóteses acerca da sexualidade infantil foram comprovadas posteriormente quando “observou” diretamente crianças, fazendo referência à obra *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909).⁸⁴

Os *Três ensaios* sofreram várias modificações nas suas reedições. Além dos acréscimos no corpo do próprio texto, várias notas foram introduzidas pelo autor até 1925, de acordo com o desenvolvimento da teoria freudiana nos anos posteriores a 1905. Muitos autores destacam este aspecto dos *Três ensaios*. Roudinesco & Plon por exemplo, afirmam que “Freud nunca reescreveu, corrigiu e retificou tanto um livro quanto fez com este, a ponto de não sabermos mais distinguir o original de suas versões sucessivas”.⁸⁵ Renato Mezan entretanto, ao apresentar os *Três ensaios*, identifica as noções que pertencem ao texto original, as modificações e os períodos correspondentes através da citação das obras em que os conceitos introduzidos se apresentam.⁸⁶

⁸² S. Freud, *Historia del movimiento psicoanalítico*, p. 1902.

⁸³ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 71.

⁸⁴ Trata-se do caso clínico que ficou conhecido como *Pequeno Hans*. O menino Herbert Graf (1903-1973) foi atendido por Freud em 1908, mas desde 1906, Freud intervinha no caso baseado nas observações e anotações que o pai fazia sobre a sexualidade do filho desde os três anos de idade.

⁸⁵ E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise*, p. 771.

⁸⁶ R. Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*, p. 127.

Tendo em vista o objeto deste capítulo, qual seja, a concepção de *infantil* freudiana no final do século XIX e início do XX, procuraremos identificar e privilegiar o conteúdo apresentado em 1905. Entendemos que tal procedimento é possível, pois além do auxílio da literatura secundária, utilizaremos diferentes edições que serão cotejadas e que trazem as indicações datadas das alterações do texto.

Cabe ainda colocar aspectos acerca da receptividade ou do impacto desta obra provocada à época de sua publicação. Em estudo realizado por Casetto⁸⁷ verifica-se que a idéia corrente de que o texto foi mal recebido parece não condizer totalmente com o ocorrido. De acordo com Freud em sua *Autobiografia* e com biógrafos do autor, o texto teria tido uma repercussão negativa. Sobre a questão, Gay afirma que:

“Depois que Freud publicou os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* em 1905, aqueles dispostos a acusá-lo de pansexualista com idéias obscenas tiveram, evidentemente, muito material fértil para suas interpretações errôneas”.⁸⁸

Entretanto, como aponta Casetto dentre oito resenhas da época sobre os *Três ensaios* (seis de periódicos médicos e duas de periódicos literários) apenas uma aparece como depreciadora da obra em questão. O que podemos afirmar, portanto, é que a obra foi no mínimo objeto de

⁸⁷ S. J. Casetto. “Em torno dos três ensaios de Freud: o impacto do texto na época e alguns de seus referenciais do século XIX.” Comunicação apresentada no evento “100 anos de sexualidade infantil: os três ensaios de Freud, de 1905 a 2005”.

⁸⁸ P. Gay, *op.cit.*, p. 188.

controvérsia no início do século XX por tratar de aspectos da sexualidade humana tais como os que serão abordados a seguir.

3.1. O Primeiro Ensaio

O tema da sexualidade é introduzido por Freud no primeiro ensaio cujo título é “As aberrações sexuais”. Já em relação ao título, o autor nos adverte em nota que as colocações feitas em relação às aberrações sexuais advêm de idéias presentes em conhecidas publicações sobre o tema, citando vários autores.⁸⁹ O primeiro ensaio, entretanto, não é exclusivamente uma revisão bibliográfica. Na própria apresentação e crítica das idéias existentes sobre as aberrações sexuais, Freud introduz a noção de sexualidade que propõe.

Freud inicia o primeiro ensaio fazendo crítica à noção existente de que as pulsões sexuais não estariam presentes na infância. A argumentação que se contrapõe a esta noção é feita pelo autor ao longo dos *Três ensaios* e dará justamente lugar à teoria da sexualidade infantil.

⁸⁹ São eles: o psiquiatra austríaco Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) que ficou conhecido como um dos fundadores da sexologia através da obra *Psychopathia Sexualis* (1886); o médico alemão Albert Moll (1862-1939) que publicou a obra *Untersuchungen Über Die Libido Sexualis* (1897) com quem Freud teria estabelecido uma relação de inimizade por conta justamente do tema da sexualidade infantil, uma vez que em obra publicada em 1908, *Das Sexualleben des Kindes*, Moll não mencionava a importância dos *Três ensaios*; o médico e escritor inglês Henry Havelock Ellis (1859-1939) também considerado um dos fundadores da sexologia, autor da obra composta por vários volumes *Studies of the Psychology of Sex*; o neurologista Paul Julius Moebius (1854-1907); Albert von Shrenck-Notzing ((1862-1929); o psiquiatra Leopold Löwenfeld (1847-1923); o neurologista alemão Albert Eulenburg (1840-1917); o médico alemão Ivan Bloch (1872-1922) e o psiquiatra alemão Magnus Hirschfeld (1868-1935).

Para tratar das idéias existentes acerca das aberrações sexuais, o autor faz uma distinção: os desvios que estariam relacionados com o objeto sexual, isto é, a pessoa de quem provém a atração sexual e os desvios que estariam relacionados ao fim sexual, que seria a ação para a qual tende a pulsão.

No primeiro capítulo, Freud aborda os desvios referentes ao objeto sexual que seriam os homens que não têm como objeto sexual a mulher, mas o homem e as mulheres que não têm como objeto sexual o homem, mas a mulher, os quais são denominados invertidos. Ao apresentar algumas características do comportamento dos invertidos, o autor o faz subdividindo-os entre invertidos absolutos, invertidos anfígenos (aqueles cujo objeto sexual pode pertencer tanto ao sexo masculino como feminino) e os invertidos ocasionais. Destacamos a questão que é colocada pelo autor quanto à variação observável da época da manifestação da inversão, o que coloca em pauta a origem das pulsões sexuais.

Freud apresenta as concepções existentes sobre a inversão e examina-as separadamente. Segundo Freud, as concepções existentes para a explicação da inversão seriam aquelas referentes à degeneração nervosa e aquelas referentes ao caráter inato dos desvios. Freud critica o uso arbitrário da idéia de degeneração enquanto explicação para as doenças: “Tornou-se costume imputar à degeneração todos os tipos de manifestação patológica que não sejam de origem diretamente traumática ou infecciosa”.⁹⁰

⁹⁰ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 16.

O autor direciona sua argumentação a fim de demonstrar que a causa da inversão não é a degeneração nervosa. Entre os argumentos, está o fato de que é possível observar que não se encontra nenhum outro desvio ou anormalidade nos invertidos e que em alguns casos verifica-se que os mesmos destacam-se pelo desenvolvimento intelectual. Freud busca, ainda, argumentos fora do seu contexto, ou da sua experiência médica: “é preciso considerar que nos povos antigos, no auge de sua cultura, a inversão era um fenômeno freqüente, quase que uma instituição dotada de importantes funções”.⁹¹

Em relação ao caráter inato atribuído aos invertidos, Freud também questiona tal concepção. Para isso, salienta que o caráter inato só é atribuído aos invertidos absolutos, ou seja, àqueles que em nenhum momento de suas vidas tiveram outra orientação de sua pulsão sexual que não fosse a “invertida”. Assim, Freud argumenta que se é atribuído o caráter inato apenas para estes casos de inversão, logicamente atribui-se uma outra origem para os demais casos de inversão.

Freud também rejeita a concepção oposta à inversão inata: a idéia de um caráter adquirido, argumentando principalmente que as influências acidentais não bastam para explicar a inversão.

Menciona também os casos de hermafroditismo anatômico, os quais não coincidem com os casos de inversão. A bissexualidade para Freud é um problema psicológico e não somático. A questão que está colocada para o bissexual parece ser a de um conflito psicológico que se estabelece

⁹¹ *Ibid.*, p. 17.

em relação ao objeto sexual. Embora o autor não utilize o termo conflito, é o que sugere quando afirma:

“Nesses casos, portanto, como em muitos outros, o objeto sexual não é o do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália): é por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual”.⁹²

Ainda nesta primeira parte, o autor menciona os casos em que se têm crianças ou animais como objetos sexuais. Freud afirma que tais práticas, em geral, seriam substitutivas da prática normal, mas circunstanciais, e neste sentido seriam aberrações esporádicas. Rejeita a atribuição de tais aberrações à loucura, pois se aqueles que são mentalmente anormais também o são na sua vida sexual, muitos que têm uma vida sexual anormal, em outros aspectos, têm um desenvolvimento pessoal normal.

Pode-se afirmar a partir deste primeiro capítulo, que a preocupação do autor é apontar os aspectos que considera insustentáveis do conhecimento acerca das inversões. Deste modo, acaba por imprimir uma crítica à concepção de desvio sexual vinculada às doutrinas da hereditariedade-degenerescência que embasavam a sexologia do século

⁹² *Ibid*, p. 23.

XIX.⁹³ Freud afirma que não possui uma explicação satisfatória para tais fenômenos. Entretanto, apresenta uma primeira conclusão que será de extrema relevância para uma concepção de sexualidade que se esboça desde já: pulsão sexual e objeto não têm uma relação tão estreita e necessária, como se imagina. Há sim, uma independência do objeto sexual e da pulsão sexual.

O capítulo seguinte, diz respeito aos desvios sexuais quanto ao alvo sexual, quais sejam, as perversões. Freud salienta que na atividade sexual normal estão os rudimentos de tais desvios. Se o alvo sexual normal é o coito, ou seja, o ato de união dos genitais “que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome)”⁹⁴, há certas atividades sexuais preliminares que também fazem parte da dita sexualidade normal, como por exemplo o beijo. No entanto, nas perversões haveria um distanciamento da conduta normal que se daria basicamente de duas formas: uma fixação nestes alvos sexuais provisórios, ou então, transgressões anatômicas que seria a utilização de outras partes do corpo na consolidação do ato sexual.

No que tange às transgressões anatômicas, Freud menciona a boca e o ânus como as partes do corpo que conduziriam os indivíduos perversos à satisfação sexual. Entretanto para Freud tais regiões do corpo

⁹³ O papel de ruptura que a Psicanálise teria operado em relação à sexologia do século XIX fundamentada nas teorias da hereditariedade-degenerescência é abordado por vários autores, entre os quais o filósofo Michel Foucault em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, 1988.

⁹⁴ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 28.

têm naturalmente um caráter erógeno⁹⁵, mas que são abandonadas como finalidades sexuais em razão do estabelecimento do sentimento de asco ou repugnância. Nas perversões, portanto, o sentimento de asco não se submeteria às forças das pulsões sexuais.

O autor inclui como desvio quanto ao alvo sexual os casos caracterizados pelo fetichismo, pois a finalidade ou alvo sexual a ser alcançado teria como condição um objeto inapropriado para servir como tal. Para Freud o aspecto patológico estaria justamente na fixidez que se estabeleceria em relação a tal objeto em substituição do alvo sexual normal.

Vale mencionar que Freud cita Alfred Binet (1857-1911)⁹⁶, para justificar a escolha do fetiche como influência das experiências infantis:

“Na escolha do fetiche manifesta-se – como Binet (1888) foi o primeiro a sustentar e como depois se comprovou abundantemente – a influência persistente de uma impressão sexual recebida, na maioria das vezes, na primeira infância, o que se pode comparar com a proverbial persistência do primeiro amor”.⁹⁷

⁹⁵ O caráter erógeno de tais regiões já mencionado por Freud em carta datada de 14/11/1897 a Fliess será abordado pelo autor no segundo ensaio.

⁹⁶ O médico e psicólogo Alfred Binet conhecido como autor dos primeiros testes de avaliação da inteligência e um dos principais representantes da psicologia experimental francesa do período em questão, é autor de diversas obras sobre o desenvolvimento intelectual das crianças, das quais citamos: *L'étude expérimentale de l'intelligence* (1903). Observa-se, entretanto, que a referência que Freud faz a Binet é ao artigo *L'e fetichism dans l'amour* publicado na *Revue Philosophique* em 1887 e posteriormente publicado compondo a obra *Études de psychologie expérimentale* em 1888.

⁹⁷ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 33.

Freud afirma que o simbolismo do fetiche pode ser antiqüíssimo e que tais conexões simbólicas podem ser encontradas inclusive em mitos. Conclui que ainda assim não independem das experiências infantis.

Quanto à fixação nas atividades sexuais preliminares o autor destaca a atividade do olhar quando não é tão só ato preparatório do ato sexual, mas o fim em si mesmo. O autor salienta a dupla configuração que este tipo de aberração pode assumir, ou seja, a complementariedade das formas ativas e passivas, o *voyerismo* e o exibicionismo.

O autor aborda o sadismo e masoquismo (ou *algolagnia*) como um tipo de perversão que se apresenta também através de duas formas, a passiva e a ativa. Freud coloca que na raiz do sadismo e masoquismo há uma normalidade entendida como características naturais e universais da vida sexual:

“Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido”.⁹⁸

Freud afirma que poderiam ser nomeados apenas como perversos os indivíduos cuja satisfação sexual estiver exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos infligidos ao objeto sexual. Da mesma forma e de modo complementar é caracterizado o masoquismo.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 37.

O que é ressaltado pelo autor em relação a este tipo de perversão é o fato de que as formas ativa e passiva estão sempre presentes na mesma pessoa, ou seja “o sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista (...)”.⁹⁹ O que os distinguiriam seria um desenvolvimento mais intenso de uma das formas.

Freud cita a obra *O instinto sexual*¹⁰⁰ de Henry Havelock Ellis (1859-1939), para corroborar suas afirmações quanto à coexistência de traços masoquistas e sádicos no mesmo indivíduo. Ao tratar do sadismo e masoquismo, Havelock Ellis afirma: “Enfim, devemos admitir como muito provável que, em certos casos, o sadista nada mais é que um masoquista disfarçado, e só se rejubila com a dor da vítima porque se identifica com ele”.¹⁰¹

O estudo das aberrações sexuais e, sobretudo das perversões, encaminha o autor neste primeiro ensaio a conclusões que culminarão na formulação do que podemos chamar de primeira teoria freudiana das pulsões. A partir da idéia de que nas inversões e nas perversões o objeto da pulsão sexual é de certa forma contingente e que há uma variabilidade quanto aos seus alvos, o autor conclui que tais pulsões sexuais são de natureza composta e é o que nomeará na parte cinco deste primeiro ensaio de pulsões parciais.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 38.

¹⁰⁰ Esta obra é o volume III dos Estudos de Psicologia Sexual de 1891. Freud cita a 2º ed. de 1913, Filadelfia: *Studies in the Psychology of Sex*, v. III: *Analysis of the Sexual Impulse* e os seguintes capítulos: *Love and Pain* e *The Sexual Impulse in Women*.

¹⁰¹ H. Ellis, *O instinto sexual*, p. 197.

Antes de apresentar a definição de pulsão sexual, o autor examina a pulsão sexual nos neuróticos tendo como base as contribuições que a sua clínica e as formulações psicanalíticas lhe traziam nos primeiros anos do século XX:

“Como exprimi em outro lugar, os sintomas são a atividade sexual dos doentes. A prova dessa afirmação deriva do número crescente de psicanálises de histéricos e outros neuróticos que venho realizando há vinte e cinco anos, e sobre resultados já prestei contas minuciosamente em outras publicações, como ainda continuarei a fazer”.¹⁰²

Para Freud os psiconeuróticos, que são caracterizados como aqueles próximos da normalidade, têm como fonte principal de seus sintomas a energia das pulsões sexuais que não tiveram o destino esperado, ou seja, a descarga. Assim, o autor conclui que se nas neuroses os conteúdos vinculados às pulsões sexuais são recalçados, elas são a forma negativa das perversões, uma vez que nestas, como já colocado, ocorre justamente a preponderância das forças pulsionais sobre os impeditivos (sentimentos de vergonha e repugnância) colocados pelo próprio indivíduo.

A definição de pulsão sexual apresentada pelo autor na quinta parte deste primeiro ensaio é completamente distinta da idéia de instinto sexual que predominava entre autores do período. O termo alemão utilizado é *Trieb* e não *Instítk*, este último é utilizado por Freud em outras obras para

¹⁰² S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 42.

referir-se ao comportamento animal fixado hereditariamente. Para Freud “a pulsão é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico”.¹⁰³ As pulsões sexuais seriam, para Freud representantes psíquicos de origem endossomática, ou seja, as pulsões sexuais teriam fontes somáticas distintas, as quais no processo excitatório de um órgão ou de zonas erógenas, o alvo seria aquele que suprime tal estímulo orgânico.¹⁰⁴

A conclusão que o autor apresenta para finalizar este ensaio relaciona o estudo crítico apresentado acerca dos desvios sexuais com a noção de sexualidade que propõe. Verificou-se que Freud acaba por relativizar a questão do patológico, uma vez que os desvios passam de certa forma por uma normalidade. Entretanto, Freud afirma que há sim algo inato nas perversões, mas o inato seria justamente aquilo que é inato em todos os seres humanos. Em outros termos: o que é inato são as pulsões sexuais entendidas como uma disposição constitucional; disposição esta que pode variar, acentuar-se ou não, de acordo com as experiências dos indivíduos. E se tais pulsões sexuais, cujas raízes são inatas, podem assumir destinos distintos tais como a atividade sexual perversa ou o recalçamento neurótico, nada mais lógico que compreender os primórdios destas manifestações. E é o que o autor fará no Segundo Ensaio ao abordar a sexualidade infantil.

¹⁰³ *Ibid*, p. 46.

¹⁰⁴ A especificidade do termo *Trieb* na obra de Freud é invariavelmente apontada por autores ao comentarem a noção de pulsão em Freud, ver por exemplo: G. Gomes, *Os dois conceitos freudianos de Trieb*, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17, pp. 249-255; J. Laplanche & J-B Pontalis, “Pulsão” in *Vocabulário de Psicanálise*, pp. 506-510; E. Roudinesco & M. Plon, “Pulsão” in *Dicionário de psicanálise*, pp. 628-632 e D. Scarfone, *As pulsões*, pp. 9-15.

3.2. O Segundo Ensaio

Sigmund Freud dá início ao ensaio “A sexualidade infantil” também fazendo observações acerca das concepções existentes sobre o tema.

O autor critica novamente a idéia de que a pulsão sexual não estaria presente na infância, sendo que para a “opinião popular” a sexualidade se manifestaria apenas na puberdade. Coloca também que a literatura que trata do estudo do indivíduo adulto dá muito mais importância à influência da hereditariedade e à vida dos seus antepassados que à história e a infância do próprio indivíduo.

Para Freud há uma negligência por parte dos autores que se dedicam ao estudo do desenvolvimento infantil quando o tema é a vida sexual na infância. Freud afirma ainda que nos trabalhos desses autores sempre falta um capítulo referente ao desenvolvimento da sexualidade infantil. Em nota Freud coloca que: “As manifestações sexuais somáticas do período anterior à puberdade só despertam atenção no contexto dos fenômenos degenerativos e como sinais de degeneração”.¹⁰⁵

Para fundamentar tal afirmação, Freud cita oito obras sobre desenvolvimento infantil e seus respectivos autores.¹⁰⁶ Esta bibliografia revista por Freud abrange obras de autores de diferentes nacionalidades e “áreas” do conhecimento: de Sanford Bell o artigo *A Preliminary Study of the*

¹⁰⁵ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 52.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.52. Freud cita também outros autores e obras em notas acrescentadas em 1910 e 1915.

Emotion Between the Sexes (1902); do fisiologista Wilhem Preyer (1841-1897), *Die Seele des Kindes* (1888); do americano James Mark Baldwin (1861-1934), *Mental Development in the Child and the Race* (1895); do filósofo e pedagogo francês Bernard Pérez (1836-1903), *L'enfant de Trois à Sept Ans* (1886); de Ludwig Strümpell (1812-1899), *Die Pädagogische Pathologie* (1899); do filósofo alemão Karl Groos (1881-1946), *Das Seelenben des Kindes* (1904); do pedagogo vienense Theodor Heller (1869-1938), *Grundrib der Heilpädagogik* (1904); e do psicólogo inglês James Sully (1842-1923), *Studies of Childhood* (1895).

Freud coloca que tal negligência por parte destes autores quanto ao tema da sexualidade infantil estaria em parte relacionada à própria formação dos autores citados, ou seja, atribui ao silêncio destes autores sobre a sexualidade infantil o fenômeno psíquico que nomeia de amnésia infantil. Em outros termos: a sexualidade da criança seria tema recalcado para os autores citados.

O fenômeno da amnésia infantil consiste, segundo Freud num esquecimento dos fatos acerca dos primeiros anos da infância. E a questão que coloca é por que haveria esta amnésia em relação a tal período, isto é, até os sete ou oito anos de idade, se antes desta idade é possível observar que as crianças têm experiências significativas e até uma capacidade incipiente de julgamento das mesmas. Sobre a questão, em nota, Freud faz referência a dois textos em que teria tentado resolver a questão das lembranças infantis: *Lembranças encobridoras* (1899) e o Capítulo IV de *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

Nos textos citados, Freud apresenta a idéia de lembrança encobridora. Para o autor, as lembranças encobridoras seriam as lembranças infantis insignificantes que permaneceriam presentes na memória e que por meio de um processo psíquico inconsciente, o deslocamento, estas lembranças insignificantes substituiriam as “lembranças importantes” e recalcadas, mascarando-as.¹⁰⁷

Deste modo, a amnésia infantil seria para Freud um processo análogo ao processo observado nas histéricas, pois como já colocado anteriormente, a formação histérica é justamente decorrente do recalçamento que impede que conteúdos psíquicos cheguem à consciência.

Para Freud esta amnésia infantil “que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual”.¹⁰⁸

Verifica-se que Freud se propõe a ocupar-se justamente daquilo que é ocultado e negligenciado pelos autores que se dedicam ao estudo da criança: a sexualidade. Esta preocupação de Freud com a sexualidade infantil decorre da sua prática e da investigação clínica. Se a sexualidade infantil torna-se objeto de investigação para Freud neste segundo ensaio, é porque seu estudo tornou-se condição para a explicação do funcionamento psíquico dos indivíduos. Nos termos do autor:

¹⁰⁷ S. Freud, *Los recuerdos encubridores*, pp. 330-341.

¹⁰⁸ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p.54.

“Já em 1896 frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da vida sexual, e desde então nunca deixei de trazer para primeiro plano o fator infantil na sexualidade”.¹⁰⁹

Além de negligenciados pelo conhecimento, os fenômenos que envolvem a sexualidade infantil, são segundo Freud, “temidos pela educação”.¹¹⁰ O autor faz referência ao papel da educação, e da cultura, nos rumos tomados pelas pulsões sexuais dos indivíduos.

Para Freud a sexualidade seria passível de observação aos três ou quatro anos de idade. Posteriormente haveria um declínio da sexualidade infantil até a puberdade. Nesta fase da vida, denominada por Freud como período de latência, as pulsões sexuais teriam seus fluxos restringidos em forma de diques. Tais diques seriam os sentimentos de vergonha, a repugnância e as exigências dos ideais éticos e estéticos.

A educação, para Freud, contribui muito na construção destes diques, embora o autor afirme que o desenvolvimento destes sentimentos faça parte daquilo que “é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade”.¹¹¹ A atenção dispensada pelos educadores à sexualidade infantil se daria como fortalecimento das forças defensivas diante da possibilidade da manifestação sexual infantil.

Embora Freud tenha elaborado uma teoria singular da sexualidade infantil, verifica-se que idéias sobre sexualidade infantil se

¹⁰⁹ *Ibid.*, p.54.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 57.

¹¹¹ *Ibid.*, p.56.

mostram presentes entre autores contemporâneos de Freud e que antecedem os *Três ensaios*.¹¹²

Para Freud há já na infância manifestações da sexualidade. O autor adverte-nos da necessidade de distinguirmos o termo sexual do genital. Sexualidade para Freud não se restringe à atividade genital, nem tampouco à procriação. Entretanto, Freud não se desfaz de todo de uma certa determinação biológica. A primeira manifestação da sexualidade infantil seria a sexualidade oral. A atividade de sucção do bebê teria uma natureza sexual e o autor a toma como modelo para expor a idéia de sexualidade infantil. Freud faz referência ao pediatra húngaro Samuel Lindner, quem segundo ele, teria dedicado um estudo sobre o tema em que teria reconhecido a atividade de sucção do polegar como uma forma de prazer de natureza sexual.¹¹³

A atividade de sucção (do polegar) é uma atividade auto-erótica à medida que o que traz a satisfação é o próprio corpo. Para o autor, esta atividade de sucção que é observada nos bebês e que pode ser estendida até a vida adulta, estaria “determinada pela busca de um prazer já vivenciado”. O prazer buscado na sucção (do polegar) seria aquele obtido através da atividade do mamar no seio materno (ou em seus substitutos),

¹¹² S. R. Kern, *Freud and the Emergence of Child Psychology: 1880-1910*, p. 343.

¹¹³ A obra de Lindner a qual Freud se refere é: *Das Saugen den Fingern, Lippen, etc Bei Den Kinden (Luneln), Jarbuch für Kinderheilkunde*, 1879-1880,14: 68-91. Sobre Lindner e as relações entre a sucção do dedo e a sexualidade infantil para pediatras do final do século XIX ver J. Gillis, *Bad Habits and Pernicious Results: Thumb Sucking and the Discipline of Late-Nineteenth-Century Paediatrics*, pp. 55-73.

atividade esta, que para Freud seria “a primeira e mais vital das atividades da criança”.¹¹⁴

A atividade de sucção do seio materno, exercida pelo bebê, o satisfaz porque supre uma necessidade fisiológica, a alimentação; mas é a partir desta mesma atividade que há a emergência da pulsão sexual. Assim, no princípio da satisfação de uma zona erógena, neste caso a zona oral, está a fome ou uma função fisiológica. A necessidade de repetir tal satisfação torna-se dissociada da necessidade do alimento: “a atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente dela”.¹¹⁵

No capítulo terceiro da obra, Freud trata do alvo (meta) da sexualidade infantil que seria a satisfação de uma pulsão sexual através da estimulação de uma zona erógena. O autor define zona erógena como “parte da pele ou mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa”.¹¹⁶ O autor coloca que qualquer parte do corpo pode ser considerada uma zona erógena, embora certas regiões como a zona anal e a zonal genital sejam caracterizadas como zonas erógenas “predestinadas” para esta função.

Embora Freud no texto de 1905 defina a sexualidade oral como a primeira manifestação da sexualidade da criança e descreva as atividades masturbatórias das zonas anais e genitais da criança como manifestações

¹¹⁴ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 59.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 60. Na edição francesa e na edição argentina consta em nota que esta frase foi acrescida ao texto em 1915. Entretanto, como apontam Roudinesco e Laplanche a idéia de “apoio”, peça fundamental da concepção de sexualidade freudiana, está presente na primeira versão da obra.

¹¹⁶ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 61.

posteriores, entendemos que não se trata, de uma descrição evolutiva do desenvolvimento sexual cronológico da criança, tal como o fazem os autores do período em questão ocupados com o desenvolvimento psicológico da criança.

Como aponta Laplanche e outros autores, nem mesmo a idéia de uma sexualidade infantil organizada em fases (oral, anal e genital) estava presente no texto original de 1905.¹¹⁷ A idéia de “organizações sexuais” surge gradualmente entre 1908 e 1923 na obra de Freud, a partir dos apontamentos sobre erotismo anal no adulto e na criança.¹¹⁸

Nos *Três ensaios*, no capítulo denominado “As fases de desenvolvimento da organização sexual” acrescido à obra em 1915, o autor define fase oral e fase sádico-anal no desenvolvimento sexual da criança como “organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram papel preponderante”.¹¹⁹

Verifica-se que, embora Freud se refira no texto de 1915, a fases identificáveis na idade cronológica da criança e “normalmente atravessadas sem dificuldades” por ela, a sexualidade infantil não é, para o autor, uma seqüência de eventos dispostos numa temporalidade linear rumo a um desfecho mais complexo. Para Freud o desenvolvimento da sexualidade infantil tende sim para um desfecho, qual seja, a vida sexual normal do

¹¹⁷ J. Laplanche, *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*, pp24-25.; R. Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*, p. 127.

¹¹⁸ No artigo *Caráter e erotismo anal* (1908), Freud relaciona traços de caráter com o erotismo anal da criança, em *A predisposição para a neurose obsessiva* (1913) temos a noção de organização pré-genital e no artigo *A organização genital infantil* (1923), a idéia de fase fálica.

¹¹⁹ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 75.

adulto. Entretanto, a configuração da vida sexual do adulto implica uma escolha objetal que, segundo o autor, ocorre em dois tempos:

“Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha do objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual”.¹²⁰

Em relação à noção de sexualidade infantil que está colocada explicitamente, em 1905 refere-se ao que nomeou como disposição perverso-polimorfa da criança. Freud coloca que a criança sendo submetida a uma situação de sedução, pode ser levada a praticar qualquer tipo transgressão sexual, de modo que:

“Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção”.¹²¹

Sobre a idéia de perversidade polimorfa, Laplanche afirma que:

¹²⁰ *Ibid.*, p. 79.

¹²¹ *Ibid.*, p. 69.

“Ora, o que Freud chama de sexualidade infantil é apenas muito acessoriamente uma atividade genital; se ela é dita ‘polimorfa’, é não só quanto ao tipo de atividade, mas também quanto às zonas que se encontram excitadas na criança, e que Freud pensa serem múltiplas, e podem ser até o conjunto do corpo”.¹²²

Concordamos com a afirmação de Laplanche, pois para Freud, na sexualidade da criança a pulsão sexual existe enquanto um conjunto de pulsões parciais que se manifestam independentemente uma das outras; isto é, a satisfação das pulsões, originada em suas diversas fontes (zonas erógenas), se dá de forma dispersa.

Deste modo, a sexualidade infantil, é caracterizada pela disposição perverso-polimorfa à medida que está submetida à atuação das pulsões parciais que tendem a se integrar apenas a partir da puberdade.

Também como pulsões parciais, Freud cita, entre outras, certas tendências da criança, como a de querer ver o corpo de outras pessoas e exibir-se desnuda. Em relação às “pulsões de ver” e a contrapartida desta, o exibir-se, o autor coloca que não são inteiramente compreensíveis no que tange às suas origens.

Freud coloca no último capítulo deste Segundo Ensaio que a pulsão sexual tem também “fontes indiretas”, isto é, a excitação sexual pode ter sua origem não na estimulação direta da zona erógena, mas em atividades que contribuem de alguma forma na satisfação sexual. Freud

¹²² J. Laplanche, *op.cit.* p. 24.

descreve como fontes indiretas, as excitações mecânicas, a atividade muscular, os processos afetivos e o trabalho intelectual.

Verifica-se deste modo, que o *infantil* para Freud, uma vez caracterizado como perversidade-polimorfa refere-se à “plasticidade” da sexualidade infantil definida por uma manifestação dispersa da pulsão sexual que traz o germe da sexualidade adulta.

O autor, neste Segundo Ensaio, aponta em vários momentos a semelhança entre aquilo que pode ser observado nas crianças e nos adultos no que se refere à vida sexual, seja nos adultos sadios ou neuróticos. Nota-se, por exemplo, que o autor faz referência à “pulsão do ver” em cada um dos três ensaios: no primeiro ensaio na sua forma patológica (*voyerismo*), neste segundo ensaio como uma curiosidade da criança, e no terceiro, como um pré-prazer da satisfação final da atividade sexual adulta.

Entretanto, embora o autor estabeleça uma relação entre a sexualidade da criança e a do adulto não se trata da idéia de que as experiências do passado infantil determinam diretamente e de forma linear a vida do adulto. Como aponta Laplanche, desde a formulação da teoria da sedução, Freud apresenta a idéia de “posterioridade”, ou seja, é só posteriormente que é conferida o sentido traumático do acontecimento primeiro. Em carta a Fliess datada de 1896 Freud afirma que:

“Estou trabalhando com a hipótese de que nosso aparato psíquico tenha se originado por um processo de estratificação: o material existente na forma de traços

mnêmicos experimentaria de tempos em tempos, em função de novas relações, uma reinscrição”.¹²³

Nos *Três ensaios* a idéia de posterioridade se apresenta justamente através da concepção de *infantil* freudiano, pois é a partir da puberdade que temos a possibilidade de uma significação das experiências infantis.

3.3. O Terceiro Ensaio

No último dos três ensaios que tem como título “As transformações da puberdade” o autor expõe as mudanças que ocorrem na puberdade e a configuração da sexualidade adulta, isto é, como se dá o encontro com objeto sexual.

Freud coloca que com a chegada da puberdade há uma conjugação das pulsões parciais que se organizam subordinadas à zona genital. Assim, surge um novo alvo sexual que diferencia as funções entre os dois sexos. No homem este novo alvo “consiste na descarga dos produtos sexuais”. Embora o alvo anterior, o infantil, também fosse a obtenção do prazer, o autor salienta que a partir da puberdade “a pulsão sexual coloca-se a serviço da reprodução”.

O autor neste terceiro ensaio estabelecerá as relações entre estas duas transformações da puberdade, quais sejam, a primazia da zona genital

¹²³ S. Freud, “Carta 52 de 6-12-1896” in *Los orígenes del psicoanálisis: cartas a Wilhem Fliess, manuscritos y notas de los años 1887 a 1902*, p. 3551.

que traz, a princípio, uma finalidade biológica (a reprodução) e a escolha do objeto.

No primeiro capítulo, Freud descreverá o estabelecimento daquilo que nomeia como o primado dos genitais no desenvolvimento da puberdade. Para isso, o autor coloca que no ato sexual há um prazer preliminar e um prazer final. Este pré-prazer, resultante da estimulação das zonas erógenas, conduziria ao prazer final. O primado da zona genital seria, portanto, justamente esta relação necessária que se estabelece entre a obtenção do prazer final e os genitais, isto é, a descarga da tensão sexual só pode ocorrer pela via genital.

O autor associa o prazer preliminar à sexualidade infantil e o prazer final a condições que só surgem na puberdade. Para explicitar a ligação deste pré-prazer à sexualidade infantil, o autor argumenta que o prazer preliminar pode ter um caráter patológico quando impede a definição do alvo sexual normal. Este impedimento seria decorrente de uma fixação na forma infantil de obtenção de prazer, ou seja, o prazer preliminar é, ele mesmo, a tradução do prazer infantil para sexualidade adulta.

No capítulo seguinte Freud se propõe a examinar a origem e a natureza da tensão sexual, o que não estaria, segundo o autor, de todo esclarecido. E o faz a partir de hipóteses fisiológicas, ou seja, se propõe a examinar o mecanismo fisiológico da tensão sexual relacionando-a com a produção de substâncias sexuais e o papel dos órgãos sexuais internos. O fato é que o autor descarta a hipótese que, segundo ele, faz parte das doutrinas vigentes sobre o problema, citando Krafft-Ebing. A hipótese

descartada por Freud é aquela que atribui à tensão sexual a acumulação das substâncias sexuais. O argumento de Freud é que não é possível falar em acumulação de substâncias sexuais na criança, nas mulheres e nos homens castrados, de modo que a acumulação de tais substâncias não pode ser responsável pela tensão sexual.¹²⁴

O autor apresenta também outra hipótese sobre o que seria a base química da excitação sexual em parágrafo modificado em 1920:

“Assim estamos autorizados a supor que na porção intersticial das gônadas produzem-se substâncias químicas especiais que, absorvidas na corrente sangüínea, carregam de tensão sexual determinadas partes do sistema nervoso central.(...) Quanto ao modo como a excitação sexual é gerada pela estimulação das zonas erógenas, uma vez carregado o aparelho central, e às interações surgidas no curso desses processos sexuais entre os efeitos dos estímulos puramente tóxicos e os dos fisiológicos, isso ainda só pode ser tratado hipoteticamente”.¹²⁵

Entendemos que este capítulo dedicado à questão da tensão sexual se faz relevante justamente por demonstrar a necessidade do autor de formular hipóteses fisiológicas na pesquisa de aspectos da vida psíquica. Hipóteses fisiológicas estas, que para o autor, não contradizem o exposto no capítulo seguinte denominado “A teoria da libido”; ao contrário, parecem ser complementares à explicação dos processos psíquicos.

¹²⁴ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 92.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 93.

Acrescido à obra em 1915, o capítulo “A teoria da libido” é iniciado com os seguintes termos: “Combinam bem com essas hipóteses sobre a base química da excitação sexual as noções de que nos valem para procurar dominar as manifestações psíquicas da vida sexual”.¹²⁶ Assim, Freud define libido, como uma energia que se diferencia de outras formas de energias psíquicas e que é quantitativamente variável, de modo que pode ter como objeto de investimento o próprio ego ou objetos exteriores. Ressaltamos que esta diferenciação entre libido do ego (libido narcísica) e libido objetal pressupõe elaborações teóricas posteriores a 1905. O conceito de narcisismo abordado no conjunto da teoria freudiana é explicitado apenas em 1914 no artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* no qual verifica-se a diferenciação de narcisismo primário do secundário.

Neste sentido, podemos afirmar que em 1905 é a noção de autoerotismo que prevalece no tocante à sexualidade infantil, isto é, trata-se da atividade de satisfação pulsional no próprio corpo. Como expusemos anteriormente, a sexualidade infantil é caracterizada pela perversidade polimorfa em que a satisfação pulsional se dá de forma dispersa, não havendo, portanto, a idéia de um objeto entendido como totalidade.

O encontro com o objeto de amor segundo Freud, se dá a partir da puberdade. Se a maturação biológica só observável na puberdade é a condição para existência do novo alvo sexual, o encontro ou a descoberta do objeto sexual não se restringe a estas condições biológicas; ela tem seus esboços na sexualidade infantil. Faz-se necessário frisar que nos *Três*

¹²⁶ *Ibid*, p.94.

ensaios não há a idéia de “escolha objetal” que não seja a partir da puberdade, isto significa que os conflitos advindos desta escolha objetal são vividos na puberdade.

A questão da escolha objetal, nos termos colocados pelo autor em 1905, traz uma ambigüidade. Neste terceiro ensaio observa-se que a afirmação de Freud “o encontro do objeto é, na verdade um reencontro”¹²⁷, ao mesmo tempo em que é precedida de uma argumentação acerca do amadurecimento da puberdade como condição para o encontro com o objeto, é justificada com a descrição do quão modelar é a relação da criança com a mãe na fase da amamentação para as relações amorosas adultas.

Para Freud a relação de amor que a criança estabelece com a mãe (ou substituta) é um “amor de natureza sexual” tendo em vista que ela desperta na criança a emergência das pulsões sexuais, as quais ulteriormente exercerão seus efeitos. A mãe, nos termos do autor:

“Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão”.¹²⁸

A relação com a mãe esboça a escolha do objeto sexual; esta última sendo adiada até a maturidade sexual, permite que sejam erigidas as barreiras do incesto. Estas são, para Freud, uma “exigência cultural da

¹²⁷ *Ibid.*, p.99.

¹²⁸ *Ibid.*, p.100.

sociedade” estabelecida como “preceitos morais”. Cabe mencionar que Freud em nota de 1915 remete-nos ao texto *Totem e tabu* (1912/1913) e afirma que “é provável que a barreira do incesto figure entre aquisições históricas da humanidade, como outros tabus morais, já tenha se fixado em muitos indivíduos pela herança orgânica”.¹²⁹

Se a escolha do objeto de amor é esboçada na infância e se depara com as barreiras do incesto, esta escolha se dá inicialmente na esfera da fantasia. O termo fantasia é aí empregado pelo autor como “representações não destinadas a concretizar-se” em que emergiriam as inclinações infantis que se diferenciariam pela pulsão sexual voltada para o sexo oposto.

Freud afirma que este processo vivido na puberdade, qual seja, o desligamento da autoridade dos pais é significativo e doloroso. No entanto, o autor coloca que a superação deste processo, permitida pelas barreiras do incesto, traz a possibilidade da escolha do objeto do amor de tal modo que a libido possa ser investida no “novo objeto” de amor.

Nota-se que, embora o autor faça novamente, em nota de rodapé, referência ao mito de Édipo remetendo-nos ao capítulo quinto da obra *A Interpretação dos sonhos* (1900), o conceito de complexo de Édipo enquanto processo de estruturação da personalidade vivido durante a fase fálica está

¹²⁹ *Ibid.*, p. 102.

ausente do texto de 1905.¹³⁰ No texto de 1905 o conflito inerente à escolha do objeto se dá na puberdade.

O autor coloca que não havendo o desligamento da autoridade dos pais, o que implica a fixação da libido nos objetos de amor infantis, temos o adoecimento neurótico. Entretanto, Freud salienta que mesmo não havendo esta fixação incestuosa da libido, as relações estabelecidas com os pais repercutirão na escolha do objeto sexual futura:

“A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único dos vestígios que reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto. Outros rudimentos com essa mesma origem permitem ao homem, sempre apoiado em sua infância, desenvolver mais de uma orientação sexual e criar condições muito diversificadas para sua escolha objetiva”.¹³¹

Freud finaliza este terceiro ensaio justamente integrando os conteúdos apresentados nos dois primeiros ensaios: a contingência do objeto sexual e a presença do infantil na escolha do objeto de amor.

¹³⁰ Bastaria mencionar que, como colocado anteriormente, não há nem mesmo a idéia de “fases” em 1905, e muito menos de fase fálica, noção esta, que aparece explicitamente, segundo Laplanche, apenas em 1923 em *A organização genital infantil*. Entretanto a referência à obra *Édipo-Rei* pode ser encontrada já em carta datada de 15 de outubro de 1897. Em relação à referência que Freud faz ao capítulo V da *Interpretação dos sonhos* vide pp. 43- 44.

¹³¹ S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 105.

Considerações finais

Neste trabalho, verificamos que no final do século XIX e início do século XX, estudos dedicados à investigação psicológica da criança concebem a infância principalmente como um período da vida do homem caracterizado pelo desenvolvimento físico e das suas funções orgânicas. Neste sentido, a infância deixa de existir quando o indivíduo desenvolve-se e torna-se adulto.

As obras de dois autores do período, Wilhelm Preyer e Bernard Pérez, e as fontes secundárias em história da Psicologia, permitiram constatar que estes estudos sobre a criança e a infância estavam intimamente relacionados às preocupações e ao debate que envolvia as teorias da evolução do final do século XIX.

Verificamos que também no final do século XIX e início do século XX Sigmund Freud partindo da tentativa de elucidação do fenômeno da histeria, elabora uma teoria da sexualidade infantil que se configura a partir da investigação do adulto e não da criança, de modo que Freud não trata da infância apesar de referir-se a aspectos da vida infantil.

Procuramos identificar as possíveis relações existentes entre o fato de a criança figurar como objeto de estudos psicológicos no final do século XIX e a formulação da teoria da sexualidade infantil freudiana de 1905. Podemos afirmar que o objeto e as preocupações de Sigmund Freud eram de fato completamente distintas dos estudos sobre a criança e que suas idéias sobre a sexualidade infantil são oriundas da sua prática e

pesquisa em Psicanálise. No entanto, verificamos que nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud não deixa de referir-se a estudos do período sobre o desenvolvimento da criança. A referência crítica que o autor faz ao conjunto destas obras, inclusive citando Preyer e Perez, nos permite ao menos afirmar que embora a criança e a infância não fossem objeto de suas investigações, para a elaboração da teoria da sexualidade infantil, Freud não esteve de todo alheio ao contexto dos estudos psicológicos sobre a criança, ainda que o contato com este contexto tenha sido através da revisão bibliográfica por ele feita.

Pudemos constatar, em primeiro lugar, no estudo dos *Três ensaios*, que ao tratar das aberrações sexuais no primeiro ensaio, Freud parte do estudo das perversões sexuais para depois introduzir aquilo que seria a sexualidade normal, de modo que propõe uma concepção de sexualidade que não só aproxima a normalidade e a patologia, mas também acaba por inverter a lógica da sexologia do período que pressupunha o entendimento do desvio a partir do parâmetro da sexualidade normal.

E é neste sentido que verificamos que Sigmund Freud aproxima também a sexualidade adulta da sexualidade infantil. Podemos afirmar que uma das principais idéias no que tange à sexualidade infantil proposta por Freud nos *Três ensaios* em 1905 é o conceito de “disposição perverso-polimorfa”. Este termo empregado por Freud em 1905 designa o caráter plástico da sexualidade infantil, o que significa que ela traz o germe da sexualidade adulta na sua forma bruta, parcial, sem governo, e, portanto, indefinida.

O que propõe Sigmund Freud em 1905 no *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* é uma concepção de *infantil* como aquilo que permanece psiquicamente de alguma forma quando o indivíduo desenvolve-se e torna-se adulto e que o infantil é desta forma também um atributo do indivíduo adulto, neurótico ou não.

A teoria da sexualidade infantil freudiana implicou uma concepção singular de *infantil* no início do século XX. A concepção de *infantil* freudiana por um lado desfaz a idealização em torno da infância, rompendo com a idéia da inocência pueril. Por outro lado, esta mesma concepção valoriza a infância, pois para Freud, as escolhas da vida adulta remetem necessariamente à vida infantil.

Bibliografia

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. *O que é história da ciência*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____. & M.H.R.Beltran, orgs. *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2004.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, LTC, 1981.

BACHELARD, G. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.

BARBOSA, M. N. P. & M. A. Santos "Considerações sobre a dimensão biológica do conceito de pulsão em Freud", *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 18, (2,2005):162-170.

BROZEK, J. & M. Massimi. orgs. *Historiografia da psicologia moderna*. São Paulo, Loyola, 1998.

CANGUILHEM, G. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Trad. port. Emilia Piedade. Lisboa, Edições 70, 1977.

_____.; G. Lappassade; J. Piquetal. & J. Ulman *Du développement à l'évolution au XIXe siècle*. Paris, PUF, 2003.

CASSETTO, S. J. *A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX*. São Paulo, Escuta/FAPESP, 2001.

_____. "Em torno dos três ensaios de Freud: o impacto do texto na época e alguns de seus referenciais do século XIX." Comunicação apresentada em 20/08/2005 no evento "100 anos de sexualidade infantil: os Três ensaios de Freud, de 1905 a 2005", São Paulo, 2005.

COSTA, J. F. *A face e o reverso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo, Escuta, 1995.

DARWIN, C. A "Biographical Sketch of an Infant" *Mind*, 2 (1877); <http://psychclassics.yorku.ca/darwin/infant.htm>, 05/05/2006.

ELLIS, H. *O instinto sexual*. Trad. Álvaro Eston. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

FIGUEIREDO, L. C. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação*. São Paulo, EDUC/Escuta, 1992.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 9ª ed. Trad. Maria Tereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

_____. *As palavras e as coisas*. 8ª ed. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2ª ed. Trad. Vera A. Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

FREITAS, M. C. de & M. Kuhlmann Jr, orgs. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo, Cortez, 2002.

FREUD, S. *Estudios sobre la histeria* In: Obras Completas de Sigmund Freud Tomo I, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *La etilologia de la histeria*. In: Obras Completas de Sigmund Freud Tomo I, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *Tres ensayos para una teoria sexual*. In: Obras Completas de Sigmund Freud Tomo II, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. de Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro, Imago, 2002.

_____. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Trad. francesa de B. Reverchon-Jouve. Paris, Gallimard, 1978.

_____. *Três ensayos de teoría sexual*. In: Sigmund Freud Obras Completas vol VII, Etcheverry, J. L., trad., Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1995.

_____. *Autobiografía*. In: Obras Completas de Sigmund Tomo III, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed., Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *Historia del movimiento psicoanalítico*. In: Obras Completas de Sigmund Freud Tomo II, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *Los orígenes del psicoanálisis: cartas a Wilhem Fliess, manuscritos y notas de los años 1887 a 1902*. In: Obras Completas de Sigmund Freud Tomo III, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, Trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *La interpretación de los sueños*. In: Obras Completas de Sigmund Freud, Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud vol 4, Salomão, J., trad., Rio de Janeiro, Imago, 1972.

_____. *Los recuerdos encubridores*. In: Obras Completas de Sigmund Freud Tomo I Lopez-Ballestros, L. y de Torres, trad., 4ª ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.

FULGÊNCIO, L. *O método especulativo em Freud*. Tese de Doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 9ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GILLIS, J. "Bad Habits and Pernicious Results: Thumb Sucking and the Discipline of Late-Nineteenth-Century Paediatrics." *Medical History* 40, 1996, p. 55-73.

GOMES, G. "Os dois conceitos freudianos de *Trieb*". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 17 (3,2001):249-255.

_____. "O problema mente-cérebro em Freud". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 21 (2, 2005): 149-155.

GRATIOT-ALPHANDÉRY, H. & R. Zazzo *Tratado de psicologia del niño: historia y generalidades*. Trad. espanhola Luis Hernandez Alfonso. Madrid, Morata, 1972.

JACOB, F. *A lógica da vida*. Trad. Ângela Loureiro de Souza. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

_____. *O jogo dos possíveis*. Trad. Port. Noberto S. de Almeida e José d'Encarnação e Margarida S. Correia. 3ª ed. Lisboa, Gradiva, 1992.

JONES, E. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

KERN, S. R. *Freud and the Emergence of Child Psychology: 1880-1910*. Tese de Doutorado. Columbia, Columbia University, 1970.

KUHN, T. S. *A tensão essencial*. Trad. portug. Rui Pacheco. Lisboa, Edições 70, 1989.

_____. *A estrutura das revoluções científicas*. 9ª ed. Trad. Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 2005.

LAPLANCHE, J. *Freud e a sexualidade, o desvio biologizante*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

_____. & J-B. Pontalis. *Vocabulário de psicanálise*. 10ª ed. Trad. Pedro Tamem. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

LOPARIC, Z. "Resistências à psicanálise". *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 8 (1995):29-40.

MAKARI, G.J. "Between Seduction and Libido: Sigmund Freud's Masturbation Hypotheses and the Realignment of his Etiologic Thinking, 1897-1905." *Bulletin of the History of Medicine*, 72 (1998):639-662.

MARTINS, L. A-C. P. "Lamarck, evolução orgânica e a adaptação dos seres vivos: algumas possíveis relações". *Epistemologia e História de la Ciência*, 9 (2003): 299-306.

_____. "Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso". *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3º Encontro Campinas AFHIC*, (2004):281-289.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1991.

_____. *Freud, pensador da cultura*. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MUELLER, F-L. *História da psicologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

OTTAVI, D. *De Darwin a Piaget: pour une histoire de la psychologie de l'enfant* Paris: CNRS, 2001.

PÉREZ, B. *Les trois premières années de l'enfant*. Paris: Félix Alcan, 1911.

PERROT, M. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo, Companhia da Letras, 1991.(col. História da Vida Privada,Vol.4)

PIÑERO, J. M. L. *Breve historia de la medicina*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

PREYER, W. *The Mind of the Child: Observations Concerning the Mental Development of the Human Being in the First Years of Life*. Trad. H. W. Born. New York: Arno Press, 1973.

_____. *L'âme de l'enfant: observations sur le développement psychique des premières années*. Trad. franc. H. C. Varigny. Paris: F. Alcan, 1887.

RITVO, L. B. *A influência de Darwin sobre Freud*. Trad. Júlio César C. Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

ROSSI, P. *Naufrágios sem espectador: a idéia de progresso*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo, UNESP, 2000.

ROUDINESCO, E. & M. Plon. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

SCARFONE, D. *As pulsões*. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo, UNISINOS, 2004.

SCHORSKE, C. E. *Viena fin-de-siècle*. Trad. Denise Bottman. São Paulo, UNICAMP/Companhia das Letras, 1990.

TANIS, B. *Memória e temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.

VIEIRA, T. L. F. *O Projeto para uma psicologia científica de Sigmund Freud*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

WOLHEIM, R. *As idéias de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1974.